



PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA UPE/UFPE - Doutorado
Doutorando: Marco Aurélio Lauriano de Oliveira
Orientador: Prof. Dr. Marcelo Tavares.

O ENSINO DO JUDÔ: FUNDAMENTOS HISTÓRICOS-FILOSÓFICOS-
PEDAGÓGICOS PARA UMA METODOLOGIA CRÍTICA

RECIFE, 2020.



**PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO FÍSICA UPE/UFPB - Doutorado**

Doutorando: Marco Aurélio Lauriano de Oliveira

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Tavares.

**O ENSINO DO JUDÔ: FUNDAMENTOS HISTÓRICOS-FILOSÓFICOS-
PEDAGÓGICOS PARA UMA METODOLOGIA CRÍTICA**

**Tese de Doutorado apresentada ao
Programa Associado de Pós-
graduação em Educação Física
UPE/UFPB como requisito parcial
para obtenção do título de Doutor.**

Área de Concentração: Cultura, Educação e Movimento Humano

Orientador: Dr. Marcelo Soares Tavares de Melo

RECIFE, 2020.

DEDICATÓRIA

Gostaria de dedicar aqueles que nunca mediram esforços para que tivéssemos tudo que fosse possível, que nunca foram muito amorosos, mas cravaram em nossos corações um amor que não conhecemos igual, nossos pais, Valmerindo e Luzinete (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a Deus que me permitiu ser quem eu sou, e nesse momento, me fazer entender que realmente sou um homem abençoado. Além disso, preciso agradecer às pessoas que de alguma forma contribuíram para esse momento tão especial. Sei que vou esquecer muitos nomes de pessoas que sempre torceram por mim, a essas peço perdão, ao mesmo tempo em que agradeço de todo coração.

Agradeço ao professor Nagai por todas as vezes que precisei e fui sempre acolhido com calma, sabedoria, humildade e disponibilidade. Por esse momento tão importante na minha vida, especialmente agradeço.

Agradeço as pessoas que de alguma forma contribuíram com a construção desse trabalho. Alguns com a torcida, outros de forma mais efetiva e outros mais afetiva. Primeiramente, agradeço a minha família, especialmente Suely, minha esposa que teve que suportar e conviver com diversos sentimentos bons e outros nem tanto, mas não deixou de torcer, apoiar e as vezes ajudar. Minhas filhas Alana e Viviane que da mesma forma ajudaram muito, torceram e cobraram. Meus netos Marcos Diego e Yohana, também sempre dispostos a ajudar de alguma forma. Aos meus genros, Alexandre e Carlos Diêgo, pelo respeito, amizade e as ajudas, agradeço a todos de coração.

Não poderia deixar de agradecer aos meus cunhados e minhas cunhadas: Silvana, por tanto carinho e amizade; Márcia, sempre presente, preocupada e disposta a servir; Fernando, na torcida efetiva; Maurício e Josélia, por tanta consideração, respeito e amizade, e a seus filhos, Macsom, Mauricinho e Thiago, pelo respeito carinho e consideração; Sandra e sua filha Taiane, juntos formamos um trio de solidariedade e amor; Simone com seus maravilhosos filhos, meus afilhados sobrinhos, Carla e Lucas, agora formamos um quarteto de solidariedade e amor. Agradeço ainda aos maridos das cunhadas acima citadas: Serginho ex-jogador e torcedor fiel do Santa Cruz; Adeildo e Carlos, torcedores dedicados do Náutico (ninguém é perfeito), cunhados especiais, tão fiéis a mim com a mesma força dos seus times, um agradecimento especial pela amizade e consideração: é uma alegria e uma benção tê-los como cunhados... um grande abraço!

Agradeço agora aos meus irmãos, primeiro por serem meus irmãos, eu não poderia ter melhores: a minha irmã Valnete (*in memoriam*), sempre amiga e torcia por todos e aos seus filhos, meus sobrinhos, Valmerindo, Walkíria e Walber, exemplo de filhos e irmãos, sempre muito amorosos; a meu irmão Toinho e sua esposa Vera, sempre carinhosos e sempre torceram por mim e a seus filhos, meus sobrinhos Hugo e Fabíola, sempre respeitosos, atenciosos e amorosos; a meu irmão João Eudes e sua esposa Bernadete, que apesar de um pouco distante, sempre arrumam tempo para manter os laços de amizade e amor e a seus filhos, meus sobrinhos Joãozinho (grandão) e Ítalo, pelo respeito, atenção e que demonstram carinho. A minha irmã Tâmara; doida, bruta, mas uma fortaleza que não se entrega “nem a pau”, disposta a tudo, por todos, um agradecimento especial porque você merece muito mais! A seu marido, meu cunhado Lula (*in memoriam*), um misto de doidice e amor e a seus filhos, meus sobrinhos, Lulinha (um anjo de amor) (*in memoriam*), Valdenito e Juninho pelo carinho e a força sempre presentes. A minha irmã Valéria, que apesar de muito longe é amada por todos, seu marido Ronald, sempre muito atencioso, simpático e divertido; as minhas sobrinhas, que quando crianças me lembravam cabelo de espigas de milho, Luanna e Júlia, muito amorosas. A minha irmã Mônica, é tanto amor que atrapalha! A Biu (*in memoriam*) (nossa mãe, dedicação, carinho e tamanho amor) e aos meus sobrinhos que chegaram para iluminar: Douglas e Stephane.

A meus alunos, hoje amigos do judô da ESEF, professores: Flávio Archanjo, um grande amigo, todo o tempo disposto a fazer pelo judô e sempre disposto a ajudar; Paulo André (Dino), da mesma forma um grande amigo, permanentemente disposto a ajudar (um misto de sentimentos); Luciano Leonídio, grande torcedor por mim e pelo Náutico! Parceiro em diversos momentos, amigos sempre. Denis Foster, ex-aluno, hoje uma referência do judô pernambucano, grande amigo e colaborador; Vanialucia, um ser humano extraordinário, síntese de fidelidade, amor e solidariedade; Paulinho, um grande professor e amigo que posso contar sempre; Claudinho, João Ferreira, professores extraordinários, amigos sem tamanho, distantes, mas perto no coração. Rodolfo Pio, grandes contribuições, amigo ao pé da letra, sempre ajudou e sempre disposto a ajudar. Agradeço também a meu amigo de longas

datas Claudemir, continuamente debatemos muito sobre o judô e aprendemos muito um com o outro.

Aos professores amigos da ESEF: Ademar Lucena, grande amigo, pequenas mensagens e grande valor; Adriana Gehres, sempre carinhosa e amiga, pessoa que sempre admirei. Agostinho Rosas, companheiro valoroso, a todo momento solidário; Ana Rita Lorenzini, grande amiga, mulher valente e admirável; Dema, valoroso amigo e o primeiro professor de fisiologia do Brasil. Denise Vancea, amiga respeitável e atenciosa; Fernando Guimarães, atencioso, nunca se negou a ajudar; Gilberto Freitas, sempre simples, amigo respeitável e gigantescamente admirável! Isabel Cordeiro, amiga e grande companheira de luta. Jorge Bezerra, amigo de longas datas, sempre torcemos um pelo outro. Kadja Tenório, menina na aparência, prodigiosa e atenciosa nas ações; Karla Toniolo, admirável chefe, amiga sempre disponível, uma máquina de trabalho! Keyla Brandão, fabulosa amiga, atenciosa e ética; Livia Tenório, amiga que lentamente aprendi a admirar pela tranquilidade e competência; Manoel Costa, sempre admirei pela competência e pela disponibilidade para ajudar, amigo e ser humano ímpar. Marcílio, colega de turma, nobre amigo, professor, diretor e agora na minha banca: é muita emoção!! Roberta de Granville, uma extraordinária amiga! Tão boa, amorosa e verdadeira, te adoro! Rodrigo Falcão, um fabuloso e novo amigo, competente e sempre solidário; Tereza Catuzo, por se colocar sempre à disposição para estudos sobre judô; Teresinha Lima, começamos juntos na ESEF... são muitas emoções, sempre torcendo juntos! Thiago Aguiar, grandioso amigo, competente, sempre tranquilo e disposto a ajudar; Vânia Fialho, amiga de longas datas, uma energia fabulosa; Vera Samico, sempre atenciosa, valorosa amiga, companheira em algumas empreitadas e sempre preocupada em oferecer o melhor. William Smethurst, grande companheiro, foi um privilégio estudar com você! Por fim, Patrícia Pessoa, minha amiga de coração, sempre ajudando, um anjo na minha vida, para mim foi uma alegria trabalhar e estudar com você!

Agradeço profundamente ao Ethnós, local onde aprendi muito e tive a oportunidade de conhecer tantas pessoas especiais. Um grupo amoroso, atencioso e solidário. Não por acaso, é um grupo respeitado no Estado de Pernambuco e no Brasil.

Agradeço aos funcionários da ESEF que sempre colaboraram comigo para realização das minhas funções profissionais, particularmente aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização desse trabalho.

Agradeço a Arlison, Antônio, Debora, Layanne, Maysa e Rodrigo, meus alunos da ESEF, participantes do Grupo de estudos de lutas. Sou grato pela disposição, competência, dedicação e carinho, pelos projetos realizados e os porvir, agradeço também por fazer parte de um grupo que encheria de orgulho Jigoro Kano.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação UPE/UFPB, pelos melhores momentos da minha vida, participar de um doutorado tão leve, amistoso e rico de saberes não é para todos.

A Mauro Barros, Ex-Coordenador do Programa, amigo atencioso e profissional invejável.

A Marcos André, atual coordenador, amigo de longas datas, uma verdadeira máquina de fazer as tarefas. Agradeço e parablenizo aos dois pelos esforços na Coordenação do Programa de Pós-Graduação da UPE.

Por fim, gratidão ao Professor Doutor Marcelo Tavares, meu orientador, por ter me escolhido, ter acreditado em mim e enfrentado essa batalha sem desistir. Para mim, sempre foi um privilégio ser seu amigo, imagine ser seu orientando... muito obrigado por tudo!

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Núcleo de Gestão de Bibliotecas e Documentação - NGBD
Universidade de Pernambuco

048s Oliveira, Marco Aurélio Lauriano de
O ensino do judô: fundamentos históricos-filosóficos-pedagógicos
para uma metodologia crítica / Marco Aurélio Lauriano de Oliveira;
orientador: Marcelo Soares Tavares de Melo. -- Recife, 2020.
98 f.

Tese (Educação Física - Área de Concentração em Cultura,
Educação e Movimento Humano) - Universidade de Pernambuco,
Campus Santo Amaro, 2020.

I. Judô - fundamentos II. História III. Filosofia IV. Pedagogia
I. Melo, Marcelo Soares Tavares de. II. Universidade de Pernambuco
- Campus Santo Amaro - doutorado. III. Título.

CDD: Ed. 22 -- 796.407
Acervo 224324
Claudia Henriques CR04 1600

RESUMO

O presente estudo foi desenvolvido a partir das preocupações com a prática desenvolvida no judô, que ao nosso ver, não garante o desenvolvimento de um judô que atenderia às expectativas de Jigoro Kano, portanto, enquanto problema de estudo, apresentamos a seguinte questão: quais os fundamentos históricos-filosóficos-pedagógicos do judô que contribuem para uma metodologia crítica? Frente ao exposto, essa pesquisa tem como principal objetivo analisar os fundamentos históricos-filosóficos-pedagógicos como contribuição teórico-metodológica para uma metodologia crítica no judô. Metodologicamente, a investigação partiu da “inquietação” da prática pedagógica do judô a partir de seus fundamentos históricos-filosóficos-pedagógicos com o intuito de subsidiar uma metodologia crítica, para tanto, a pesquisa realizou um estudo de caso. Como primeira justificativa para esse método, é relevante considerar que o caso selecionado é de uma pessoa de grande representatividade no judô nacional, foi aluno direto de Ryuzo Ogawa, um dos mestres mais importantes precursores do judô no Brasil. A segunda justificativa trata-se de resgatar a história oral do sujeito, entendendo-o como registro vivo, considerando que estudos semelhantes devem se constituir como objeto empírico de análise teórica nas produções acadêmicas. A pesquisa, tendo como método o estudo de caso, elucidou diversas questões que foram levantadas, além disso, outras questões foram apontadas, permitindo a realização de generalizações que contribuirão com a prática pedagógica do nosso judô, tendo como base uma metodologia crítica. Como conclusão, o estudo visualizou valores afirmados por Nagai, e nos levou a acreditar que, no mínimo, se trata de um ser humano extraordinário. O certo é que podemos observar o quanto foi e é intenso o seu envolvimento e suas contribuições para o judô, acreditando que suas ações coadunam com os verdadeiros preceitos de Jigoro Kano, sendo importante salientar que não por se tratar da quantidade das intervenções pedagógicas e das ações em prol do judô pernambucano e brasileiro, realizadas pelo prof. Nagai, que como sabemos são imensas. Salientamos que o Professor Nagai em nenhum momento colocou os aspectos técnicos separados dos valores morais e éticos, para ele, assim como para Jigoro Kano e Ogawa, o que importa é o comportamento e a formação da pessoa.

PALAVRAS CHAVES: Judô – Fundamentos históricos-filosóficos-pedagógicos-metodologia crítica

ABSTRACT

The present study was developed from the concerns with the practice developed in judo, which in our case does not guarantee the development of a judo that meets the expectations of Jigoro Kano, therefore, while the problem of the study, it presents the following subjects: are historical-philosophical-pedagogical foundations of judo that contribute to a critical methodology? So, this research has as main objective to analyze the historical-philosophical-pedagogical foundations as a theoretical-methodological contribution to a critical methodology in judo. Methodologically, an investigation starts from the "investigation" of the pedagogical practice of the judgment from its historical-philosophical-pedagogical foundations in order to subsidize a critical methodology, for that, the research was characterized as a case study. As the first justification for this method it is relevant to consider that the selected case is a highly representative person in national judo, he was a student of Ryuzo Ogawa, one of the most important precursors of judo in Brazil. The second justification is to register an oral history of the subject, understanding he as a living history, considering that studies should be considered as an empirical object of theoretical analysis in academic productions. A research, using the case study method, elucidates several issues that were raised, in addition, other issues raised, allowing the realization of generalizations that contribute to the pedagogical practice of our judgment, based on a clinical methodology. As a conclusion, the study visualized values declared by Nagai, and led us to believe that, at the very least, it deals with an extraordinary human being. What is certain is that we can observe how intense it was or his involvement and his contributions to the judge, believing that his actions are consistent with true precepts of Jigoro Kano, being important to highlight that it is not because of the treatment of pedagogical quantities and the actions in favor of Pernambuco and Brazilian judo, carried out by prof. Nagai, which we know are immense. We emphasize that Professor Nagai never put technical aspects separate from moral and ethical values, for him, as well as for Jigoro Kano and Ogawa, what matters is the person's behavior and training.

KEY WORDS: Judo - Historical-philosophical-pedagogical foundations-critical methodology

RESUMEN

El presente estudio se desarrolló a partir de las preocupaciones con la práctica desarrollada en judo, que en nuestra opinión no garantiza el desarrollo de un judo que cumpla con las expectativas de Jigoro Kano. Por lo tanto, como problema de estudio, presentamos la siguiente pregunta: ¿cuáles son los fundamentos histórico-filosóficos-pedagógicos del judo que contribuyen a una metodología crítica? En vista de lo anterior, esta investigación tiene como objetivo principal: analizar los fundamentos histórico-filosóficos-pedagógicos como una contribución teórico-metodológica a una metodología crítica en judo. Metodológicamente, la investigación comenzó desde la inquietud de la práctica pedagógica del judo desde sus fundamentos histórico-filosóficos-pedagógicos para subsidiar una metodología crítica. Para esto, la investigación llevó a cabo un estudio de caso. Como primera justificación de este método, es imprescindible decir que el caso seleccionado es de una persona de gran representación en el judo nacional, fue alumno directo de Ryuzo Ogawa, uno de los precursores más importantes del judo en Brasil. La segunda justificación es rescatar la historia oral del sujeto, entendiéndola como un registro vivo, considerando que estudios similares deben constituirse como un objeto empírico de análisis teórico en producciones académicas. La investigación, utilizando el método de estudio de caso, aclaró varias preguntas que se plantearon, además de otras preguntas, lo que permitió la realización de generalizaciones que contribuirán a la práctica pedagógica de nuestro judo, basadas en una metodología crítica. Como conclusión, el estudio visualizó valores afirmados por Nagai y nos llevó a creer que al menos él es un ser humano extraordinario. Lo que es seguro es que podemos observar cuánto fue y es intensa su participación y contribuciones al judo, creyendo que sus acciones están en línea con los verdaderos preceptos de Jigoro Kano, es importante tener en cuenta que no porque sea la cantidad de intervenciones pedagógicas y acciones a favor de Pernambuco y judo brasileño, realizadas por el prof. Nagai, que como sabemos son inmensas. Hacemos hincapié en que el profesor Nagai nunca separó los aspectos técnicos de los valores morales y éticos. Para él, así como para Jigoro Kano y Ogawa, lo que importa es el comportamiento y el entrenamiento de la persona.

PALABRAS CLAVE: Judo - Fundamentos históricos-filosóficos-pedagógicos-metodología crítica

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A	Carta de Anuência	95
ANEXO B	Termo de Concessão	96
ANEXO C	Autorização	97

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A	ROTEIRO DAS QUESTÕES PARA A nº 1 ENTREVISTA	81
APÊNDICE B	ROTEIRO DAS QUESTÕES PARA A 2ª ENTREVISTA	84
APÊNDICE C	TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	92
APÊNDICE D	TERMO DE CONFIDENCIALIDADE	93

LISTA DE QUADROS

QUADRO A	CATEGORIAS EMPIRICAS	26
----------	----------------------	----

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	3
AGRADECIMENTOS	4
RESUMO.....	9
ABSTRACT	10
RESUMEN	11
LISTA DE ANEXOS, APÊNDICES, LISTA DE QUADROS.....	12
INTRODUÇÃO	15
METODOLOGIA DA PESQUISA	21
O método.....	21
Instrumento de coleta	23
Análise dos dados	24
Capítulo 1 - A BUSCA PELO CAMINHO SUAVE.....	27
1.1 As lutas e suas relações conceituais.....	27
1.2 Lutas, Artes Marciais e Modalidade Esportiva de Combate ..	29
Capítulo 2 – do ju jutsu ao judô kodokan	33
2.1.O JUDÔ: Fundamentos Históricos.....	33
2.2. O JUDÔ: Fundamentos Filosóficos Segundo Jigoro Kano... 35	
2.3.A decadência dos princípios judoístico e a esportivização do Judô 39	
Capítulo 3 - CAMINHO da metodologia crítica	44
3.1.Fundamentos Pedagógicos para uma Metodologia crítica). .	44

Capítulo 4 – partindo da nossa realidade	49
4.1.JUDÔ NO BRASIL: Fundamentos para Metodologia Crítica.	49
4.2.NAGAI HISTÓRIA E DEPOIMENTOS: em busca dos fundamentos para uma Metodologia Crítica	51
4.3.NAGAI: depoimentos de uma prática pedagógica com características de uma metodologia crítica	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
O aprendizado: Academia Ogawa	73
O Ensino: agora em Recife.....	74
Depoimentos de pessoas	76
REFERÊNCIAS bibliográficas	78
ANEXO – 1	83
APÊNDICES.....	84
APÊNDICE - A	84
APÊNDICE - B	87
APÊNDICE – C	94
APÊNDICE - D	95
ANEXO – 2.....	96
ANEXO – 3.....	97

INTRODUÇÃO

O estudo de doutorado se fundamenta inicialmente sobre as experiências acadêmicas e profissionais do pesquisador, de modo mais pontual, nas práticas pedagógicas desenvolvidas no interior das disciplinas curriculares (Judô e Lutas) tratadas na Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco – ESEF/UPE. Sentindo a necessidade de ampliar a compreensão sobre a constituição de uma metodologia crítica, a partir dos fundamentos históricos-filosóficos-pedagógicos do judô, que denominamos como objeto de estudo.

Não será um aprofundamento teórico sobre as diferentes abordagens metodológicas para o ensino do judô, ainda que isso seja importante, embora façamos destaque durante a discussão, citando inclusive, a configuração dessa metodologia, seja pelos aspectos relacionados a chegada dos imigrantes, seja pela educação física militarista, entre outras. O foco são as implicações do ensino do judô que está pautado, em alguns momentos, por uma metodologia reprodutivista e tradicional, em outros, por uma metodologia crítica tanto almejada por Jigoro Kano¹. Isso tem implicações sobre a ausência dos fundamentos históricos-filosóficos-pedagógicos do judô, que de certa forma, consegue repercutir para a prática pedagógica.

Não foram apenas as experiências nessa instituição de ensino que me permitiram identificar as lacunas metodológicas de abordagem mais crítica para o ensino do judô, mas a minha própria história de vida como atleta e professor desta modalidade, sempre preocupado com uma educação de si e do outro, como eixo fundante para o desenvolvimento e prática das habilidades técnicas e específicas do judô enquanto instrumento de formação. Fato esse, não muito frequente tanto nos discursos políticos pedagógicos de professores mais antigos, quanto das práticas que não apontavam para essa direção.

A minha vivência, principalmente como professor de judô com as crianças, permitiu compreender que a educação é um dos principais argumentos para

¹ Nome do criador do Judô

justificar sua importância nos diferentes contextos de ensino (escolas, escolinhas esportivas, projetos sociais...), da mesma forma que muitas vezes ocorre com as outras modalidades esportivas, acrescenta-se o fato que o judô diz “ser fundamentado em uma filosofia oriental, carregada de certa mística, que profissionais, praticantes e leigos o advogam como uma atividade essencialmente educativa”.

Posteriormente, ao entrar no curso de educação física, potencializamos as reflexões e leituras, processo esse de formação que foi ampliado nas experiências com a especialização em educação física escolar na ESEF-UPE, no qual desenvolvemos um estudo que já apresentava preocupações sobre a prática do judô baseada numa metodologia que priorizava a reprodução, repetindo, quase sempre, o mesmo tratamento vivenciado no passado, sem refletir sobre a metodologia utilizada (OLIVEIRA 1999, p. 5). Esses elementos já eram indícios de uma problemática em torno de uma compreensão mais aprofundada sobre os fundamentos históricos-filosóficos-pedagógicos do judô, no qual se apontava para uma reflexão acerca de uma metodologia crítica.

A partir desse estudo, apresentamos uma crítica a essa metodologia que reproduzia modelos. Pautados numa perspectiva de um trato sistemático, reflexivo e que levasse em conta a construção cultural do próprio sujeito nas práticas corporais do judô, considerando o seu discurso como instrumento de conscientização de sua identidade cultural, processo em que revelou significativas contribuições para as lutas de modo geral, e para a educação física, do ponto de vista da análise pedagógica do judô como conteúdo nas práticas de ensino, nos diferentes espaços e campos institucionais de educação.

No decorrer da minha formação profissional, pude traçar uma construção histórico-social que remete a algumas informações em torno da prática do judô, baseada numa metodologia que priorizava a reprodução, no qual está ligada às implicações das origens do judô, bem como do cenário de transformações sociais que aconteceram no mundo no período da sua criação, produzindo mudanças ao longo da história. Podemos historicamente observar que o mundo ocidental, a partir do Renascimento, sofre grandes transformações científicas e filosóficas. Como consequência, no início do século XIX, surgiram os métodos ginásticos e o esporte

moderno, metodologicamente orientados, organizados e incorporados às demandas do contexto social e histórico. Segundo Helferich (2006), a ciência natural assume um caráter hegemônico, influenciando as relações sociais e todas as formas de pensamentos anteriormente construídas, exigindo uma nova forma de compressão do homem de si. Em 1882, ano da criação do judô, o Japão experimentava também um cenário de transformações intensas. Entretanto, eram transformações marcadas fortemente pela influência e o desejo de absorver a cultura ocidental, chegando ao extremo de negar a sua própria cultura. A entrada para um novo século, nos diferentes cenários culturais de mundo, apontava para demandas de constituição social e política que, profundamente, deixariam marcas históricas nas práticas corporais da educação e da educação física e isso não foi uma exceção no Japão, de modo mais específico, no judô.

O judô metodologicamente orientado nesse contexto de mudanças, nos faz acreditar que Jigoro Kano ao criar o Judô, além de ter sofrido influências das filosofias orientais, foi também muito influenciado pelos conhecimentos filosóficos, movimentos políticos, sociais, esportivos e culturais do ocidente. O estudo sobre a constituição dos fundamentos históricos-filosóficos-pedagógicos do judô que conduziram a sua criação nos permitirá compreender quais são os elementos essenciais que poderão orientar uma metodologia crítica na atualidade.

Sendo assim, essa efervescência social e cultural, bem como os conhecimentos provenientes desse processo na criação do judô, por Jigoro Kano, pode ter sido perdida no decorrer de outras transformações políticas culturais (as interpretações de outras culturas sobre as práticas do judô de modo distorcido, a manutenção e conservação dos saberes provenientes dos imigrantes em contextos adversos, entre outros). Essa contextualização problemática serve para apontar fatores que podem ter contribuído para uma prática reprodutivista que desconsiderou, apagou e/ou dificultou uma compreensão mais profunda sobre os fundamentos do Judô.

No Brasil, no início do século XX, a chegada do judô despertou muito interesse e rapidamente fez com que ele se inserisse em instituições militares, esportivas e nas escolas, onde se encontra até hoje. O judô nas instituições militares se desenvolveu mais como uma arte marcial com uma eficácia técnica no que se

refere à defesa pessoal. Segundo Nunes; Rubio (2012), isso ocorreu em parte pela fama adquirida pelos soldados japoneses que derrotaram os soldados russos nos combates de 1905. Nos outros espaços, conforme já mencionado, se apresentava como uma arte marcial ou luta esportiva, que contribuía fortemente para a educação dos seus praticantes.

Enquanto problema de estudo, apresentamos a seguinte questão: Quais os fundamentos históricos-filosóficos-pedagógicos do judô que contribuem para uma metodologia crítica?

Frente ao exposto, essa pesquisa tem como principal objetivo: **Analisar os fundamentos históricos-filosóficos-pedagógicos como contribuição teórico-metodológica para uma metodologia crítica no judô**, para tanto, selecionamos quatro objetivos específicos considerando os elementos fundamentais histórico-filosóficos-pedagógicos do judô que acreditamos contribuir com o objetivo geral:

Compreender os elementos fundamentais do judô a partir da sua origem; compreender as manifestações metodológicas do judô interpretadas na realidade brasileira; identificar elementos norteadores para a materialização da metodologia crítica com base nos fundamentos; compreender os caminhos percorridos pelo judô com base numa metodologia crítica na realidade brasileira a partir dos elementos fundamentais.

Com base no que foi descrito, o estudo apresenta a seguinte tese: O judô é uma luta que se configura numa efervescência cultural e política, portanto a materialização de uma metodologia crítica para o ensino dessa luta na prática pedagógica, parte da interlocução de seus fundamentos históricos-filosóficos-pedagógicos.

Partimos da constatação sobre as transformações culturais e políticas do Japão para compreender a criação do judô. Entretanto, para constituir uma metodologia crítica de ensino, é preciso ir além dessa constatação, porque se levarmos apenas em consideração todos os códigos morais, éticos, políticos e técnicos do período de outra cultura, não nos apropriaremos criticamente dos princípios do judô. Sendo assim, na prática pedagógica, estaremos apenas reproduzindo e mantendo essa ação desprovidos de uma análise crítica. Mas, a

partir de uma interlocução de seus fundamentos históricos, pois tem um contexto implicado nele, que evoluiu e se transformou; filosóficos: os motivos, princípios e objetivos que levaram Jigoro Kano a criar o judô e pedagógicos que no diálogo com os fundamentos históricos e filosóficos finaliza uma tríade completamente poderosa. Não estaremos reproduzindo, e sim nos apropriando de uma reflexão para fundamentar a nossa prática, que se difere, por exemplo, da prática do Karatê, dos princípios que regem o Karatê, Aikidô, porque mesmo que eles tenham uma lógica filosófica não é a mesma do judô, pois o contexto foi outro, pode até ser parecido, mas não é o mesmo.

Sendo assim, realizamos um estudo de caso com o professor Nagai; que contribuiu e contribui para edificação do judô no Brasil. Convém acrescentar que o caso selecionado corroborou profundamente com os objetivos propostos da pesquisa, uma vez que foi aluno direto de um dos mais importantes precursores da modalidade no Brasil. Foi companheiro e amigo de vários mestres que participaram do desenvolvimento do judô brasileiro, podendo ser também considerado um mestre importantíssimo para o judô pernambucano, sendo professor de vários judocas que hoje ocupam lugar de destaque no estado.

Do ponto de vista das contribuições e relevância do estudo, apontamos que para o campo pessoal é um investimento para compreender melhor a prática pedagógica, legitimando alguns saberes que se configuraram ao longo da formação no judô (de modo mais específico) e nas lutas (formação inicial de professores) de modo mais amplo. Para o campo acadêmico, na formação inicial em educação física, o referido estudo contribuirá para olhar as lutas de modo mais teórico epistemológico, ou seja, entender como o conhecimento dos fundamentos históricos-filosóficos-pedagógicos do judô pode contribuir para o despertar da curiosidade e compreensão da constituição desse aspecto e de outras modalidades de lutas, que não estão tão claras e sistematizadas como o judô, bem como, compreender o processo e produto que ora se afasta, ora se aproxima de uma metodologia crítica para o ensino das lutas, como por exemplo, o Karatê, Jiu-Jitsu, Aikidô etc. Será que o mesmo processo aqui analisado se constitui a partir de um mesmo parâmetro para outras lutas? Talvez isso já seja uma outra pesquisa!

Essa constituição não é linear para todas as lutas, mas acreditamos que o referido trabalho já aponta indícios para desencadear novas reflexões.

Para o campo profissional, entendemos que não só apontará para um despertar sobre o fazer pedagógico, mas também, uma aproximação mais consistente sobre o fazer metodológico, e não qualquer fazer, mas um fazer crítico.

O estudo não pretende se tornar uma “*receita de bolo*” que orientará o processo para tratar o judô numa abordagem metodológica crítica e sim, apresentar argumentações sobre as possibilidades de se reaproximar de um judô tanto almejado por Jigoro Kano, que auxilia o processo de educação do sujeito na sociedade e que seu aprendizado seja objeto e instrumento de apreensão tanto das técnicas quanto dos elementos essenciais para uma vida digna.

Para o campo pedagógico, consideramos que o estudo de doutorado enriquecerá os elementos nesse aspecto dentro do judô. Tais elementos poderão contribuir não só para reaproximar as matrizes epistemológicas que deram origem ao judô como também para ressignificar as diferentes experiências, práticas e a formação pedagógica em diferentes cenários, espaços e tempos. Não é manutenção e muito menos reprodução. É um novo olhar, mas não perdendo de vista os verdadeiros fundamentos históricos-filosóficos-pedagógicos do judô.

Em seguida apresentamos como metodologicamente foi estruturada a pesquisa, detalhando o método, instrumento de coleta e a análise dados. A presente tese está dividida em quatro capítulos.

O Primeiro Capítulo tem como tema: “A Busca do Caminho Suave”, que aborda questões conceituais das lutas corporais passando por suas diversas configurações. O Segundo, chamado “Do Ju Jutsu² ao Judô Kodokan”, onde discutimos Os Fundamentos Históricos do Judô, Os Fundamentos Filosóficos, segundo Jigoro Kano, A Decadência dos Princípios Filosóficos e a Esportivização do Judô. O Terceiro Capítulo tem o nome “Caminho da Metodologia Crítica”, e apresenta sobre quais Fundamentos Pedagógicos, Filosóficos se orienta o autor para uma Metodologia Crítica. O Quarto Capítulo, chamamos de “Partindo da Nossa

² Nome original para o que hoje conhecemos como ju jitsu ou Jiu Jitsu. “Ju” (suave, flexível), “jutsu” (arte, técnica).

Realidade”, esse capítulo tem como característica a análise do campo, dialogando com a história do judô no Brasil e a análise do campo e depoimentos coletados que expressaram opiniões sobre o sujeito da investigação.

Em seguida teceremos as considerações finais demonstrando todos os achados provenientes da pesquisa.

METODOLOGIA DA PESQUISA

O MÉTODO

A opção por uma abordagem qualitativa da pesquisa se dá pela necessidade de compreender uma realidade particular, no nosso caso o Judô, entendendo como Fraser (2004), que uma abordagem nessa perspectiva, “assume um compromisso com a transformação social, por meio da autorreflexão e da ação emancipatória que pretende desencadear nos próprios participantes da pesquisa”. Segundo Minayo (1994, p. 14), “... os seres humanos, os grupos sociais e as sociedades dão significado e intencionalidade a suas ações e suas construções, na medida em que as estruturas sociais nada mais são do que ações objetivadas”. A autora coloca como elementos da pesquisa qualitativa “o universo de significados, motivos, aspirações, crença, valores e atitudes” (MINAYO, 1994, p. 21-22). Da mesma forma, entendemos que esses elementos se encontram nas falas, nos documentos e em qualquer texto produzido por seres humanos.

Elegemos como foco principal da investigação, a análise da prática pedagógica do judô a partir de seus fundamentos históricos-filosóficos-pedagógicos com o intuito de subsidiar uma metodologia crítica, para tanto, a pesquisa realizou um estudo de caso.

Como primeira justificativa para esse método, é relevante considerar que o caso selecionado é uma pessoa de grande representatividade no judô nacional, foi aluno direto de Ryuzo Ogawa um dos mestres mais importantes precursores do judô no Brasil. Segundo Virgílio (2002), Ogawa em 1929, foi convidado para demonstrar sua arte no Palácio Imperial onde estava presente o próprio Jigoro Kano. Chega ao Brasil em 1934, empreende uma dedicação profunda e moralização do Judô brasileiro, que antes era divulgado através de lutas de desafios. Em 1967, recebe a

“Medalha Cultural e Cívica José Bonifácio de Andrada e Silva”. Ainda segundo o autor, Ogawa foi professor da maioria dos mestres que alcançaram destaque no judô brasileiro, dentre os quais, o caso selecionado para investigação. Para Virgílio (2002) o caso em estudo (Nagai, autorização em anexo) chegou a morar com o professor Ogawa, foi um atleta de muita reputação, professor e amigo de grandes judocas que se destacaram e se destacam no Brasil. É ainda considerado pelo autor, um divisor de águas no judô pernambucano, promovendo um desenvolvimento em quantidade e qualidade, como também, foi professor da maioria dos judocas de maior relevância em nosso estado.

A segunda justificativa trata-se de resgatar a história oral do sujeito, entendendo-o como registro vivo, considerando que estudos semelhantes devem se constituir como objeto empírico de análise teórica nas produções acadêmicas, principalmente em educação física, e de modo mais específico, nas lutas. Entendemos que as informações e as marcas históricas, muitas vezes são “pulverizadas” com o passar do tempo e não se tem um registro, um documento ou uma produção que revele as relações de produção cultural nas práticas pedagógicas e na história. No nosso caso, do judô brasileiro e pernambucano, acreditamos que um investimento dessa natureza justifica o estudo de caso, até porque são personagens importantes, que em parte, contribuem para a constituição da própria construção social do povo brasileiro que se permitiu (e se permite) a influência e diálogo com a pluralidade cultural e corporal de outras culturas.

O estudo de caso foi decidido a partir de duas ponderações iniciais.

A primeira é que a pesquisa pretendia: lançar luz à prática pedagógica do judô desenvolvida no Brasil, considerando os seus fundamentos históricos-filosóficos-pedagógicos.

A segunda, iluminada pela primeira, partimos do princípio da possibilidade que a prática pedagógica hoje desenvolvida no judô, não concorda, ou tenha dificuldades de serem implementadas, segundo os objetivos do seu criador, no que se refere aos objetivos educacionais, imaginando que isso possa ter várias implicações, tais como: dificuldades relacionadas aos diversos momentos

históricos, aos precursores do judô no Brasil, a falta de conhecimento dos seus fundamentos, a imigração japonesa, a esportivização exacerbada, dentre outras.

Sendo assim, acreditamos que a pesquisa tendo como método o estudo de caso, elucidou diversas questões que foram levantadas e apontou para outras que surgiram, permitindo a realização de generalizações que contribuirão para a prática pedagógica do nosso judô, tendo como base uma metodologia crítica.

Considerando o estudo de caso um método de pesquisa que segundo Yin (2010), é uma possibilidade de investigar com profundidade, um fenômeno em seu contexto real, a priori se o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes, principalmente, se esse entendimento se amplia a importantes questões contextuais. Acrescenta ainda o autor, que o estudo de caso “surge do desejo de se compreender fenômenos complexos, [...] além de permitir uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas da vida real”. Para Ventura (2007), o estudo de caso deve sempre se preocupar em perceber o que o caso sugere, a respeito do todo e não ficar reprimido apenas ao caso. Dessa forma, entendemos que devido a quantidade de informações fornecidas, foi possível ampliar a compreensão do fenômeno estudado a partir de um caso único. Yin (2010), acrescenta que o fenômeno e contexto não são sempre compreensíveis, sendo as proposições teóricas e os elementos técnicos que contribuirão para um bom estudo de caso.

INSTRUMENTO DE COLETA

Considerando o objeto do estudo, a necessidade e o cuidado que a temática requer, decidimos realizar uma entrevista semiestruturada, como técnica de coleta das informações, que segundo Triviños (2012), “é um dos principais meios que o investigador tem para realizar a coleta de dados”, acrescenta o autor que valoriza a presença do investigador e estimula espontaneidade do entrevistado. Para Lakatos (2010); Lakatos (2011) a entrevista semiestruturada oferece mais liberdade ao investigador, por permitir que ele direcione a entrevista para alguns aspectos que considera mais relevante, na busca de explorar mais amplamente possível as informações. Com o caso em questão, entendendo que foi possível levantar os

aspectos históricos e filosóficos bem como, compreender as distintas manifestações de interpretações metodológicas do judô na prática pedagógica.

Sendo assim, construímos como instrumento para a coleta de dados um roteiro de entrevista semiestruturada, com perguntas norteadoras que facilitou à condução. Convém destacar que houve o cuidado de estabelecer uma comunicação com o entrevistado, de modo que a visão do entrevistador não se impôs nem interferiu na fidelidade da investigação, contudo, sem desviar da questão principal do estudo. A entrevista nos forneceu informações necessárias à investigação que nos permitiram implementar as discussões e análises de forma crítica.

Aproveitamos para esclarecer que o presente estudo objetivou atender às considerações éticas referentes na Resolução 196/96 da Comissão Nacional de Ética e Pesquisa em Seres Humanos, destacando os princípios éticos como forma constitucional à elaboração do trabalho científico. A pesquisa foi iniciada após sua aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Pernambuco, de maneira a obedecer aos princípios proferidos na resolução supracitada.

Durante todo momento da pesquisa o pesquisador esclareceu e tirou todas as dúvidas que foram apresentadas pelo entrevistado para que não houvesse constrangimento caso desconhecesse o assunto abordado, foi também assegurada a confidencialidade da fonte dos dados coletados e da sua imagem.

ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados foram tomados por base os pressupostos teórico-metodológicos da análise categorial por temáticas, no qual subsidiamos dos estudos de Bardin (1988). A organização e seleção das categorias de análise consistem, segundo a autora, no aprofundamento acerca das implicações que os fenômenos sociais revelam durante o contexto investigado. Ela trata de duas importantes dimensões: as categorias analíticas e as empíricas.

Durante as reflexões em torno do objeto e problema de estudo, foram delimitadas as categorias tratadas no campo teórico e no campo empírico através do diálogo com o sujeito investigado. Selecionamos os fundamentos filosóficos,

históricos e pedagógicos, como também a metodologia crítica enquanto temáticas a serem consideradas tanto como categorias analíticas como empíricas, uma vez que nossa reflexão sobre a literatura (livros, artigos e outros instrumentos científicos) e da fala do sujeito investigado devem ampliar a compreensão sobre a prática pedagógica do judô.

Partindo das considerações de Bardin (1988), afirmamos que como o campo da pesquisa nos revelou indícios de uma sistematização lógica do pensamento, quando compreendemos as unidades de contexto e de registro ligadas às categorias empíricas, para tanto, enquanto unidade de contexto para a categoria fundamentos históricos e filosóficos, a origem do Ju Jutsu e a figura do Samurai permaneceu em ascendência na análise da literatura. Enquanto unidade de registro, apareceu o contexto social e político e os princípios filosóficos do Bushidô.

No que se refere aos fundamentos pedagógicos, as unidades de contexto foram à criação do judô e as unidades de registro foram à figura de Jigoro Kano, a crise social e cultural do Japão, os princípios e objetivos educacionais e a seleção e organização das técnicas de ensino.

Para os fundamentos metodológicos, a unidade de contexto se constituiu pela expansão da cultura oriental e do judô, e as unidades de registro foram a manutenção e reprodução cultural dos imigrantes, os precursores do judô no Brasil e a concepção de integração do sujeito a partir da concepção de Jigoro Kano. Para Nagai, a unidade de contexto se constituiu Interrelação com Jigoro Kano e Ogawa, e a unidade de registro foram os estudos de bases histórica, filosófica, pedagógica e metodológica.

QUADRO 1 – CATEGORIAS EMPÍRICAS

CATEGORIAS EMPÍRICAS	UNIDADE DE CONTEXTO (SUBTEMAS)	UNIDADE DE REGISTRO
	A origem do Ju-Jutsu	O contexto social e político

FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E FILOSÓFICOS	A figura do Samurai	E os princípios filosóficos do Bushidô
FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS	Criação do judô	A figura de Jigoro Kano
		A crise social e cultural do Japão
		Os princípios e objetivos educacionais
		A seleção e organização das técnicas de ensino
FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS	Expansão da cultura oriental e do judô	A manutenção e reprodução cultural dos imigrantes
		Os precursores do judô no Brasil
		A concepção de integração do sujeito a partir da concepção de Jigoro Kano
NAGAI	Interrelação com Jigoro Kano e Ogawa	Os estudos de bases histórica, filosófica, pedagógica e metodológica.

CAPÍTULO 1 - A BUSCA PELO CAMINHO SUAWE

1.1 AS LUTAS E SUAS RELAÇÕES CONCEITUAIS

Apresentamos a seguir uma síntese sobre a constituição humana e o desenvolvimento das lutas, esclarecendo, a priori, que esse processo se deu em milhões de anos de evolução e não pretendemos aqui realizar um aprofundamento sobre o assunto e sim, trazer à luz informações relacionadas com o estudo, como por exemplo, compreender que uma das expressões culturais mais antigas são as lutas, fazendo parte da cultura corporal do movimento humano e surge com o próprio processo de formação humana, ligadas principalmente a ações de defesa, ataque, situações relacionadas à garantia de sobrevivência, busca de alimentos, guerras, dentre outras razões (SOUZA, 2010; LANÇANOVA. 2007; ARCANJO, 2005). Sendo assim, essa discussão, pretende demonstrar o processo de evolução e aprimoramento das lutas paralelas a evolução da humanidade.

Segundo Neves (2006), é muito evidente que *Homo sapiens*, descendente principalmente do chimpanzé, participaram da nossa evolução, em uma sequência evolutiva a partir da bipedia à fixação da capacidade de significação no cérebro. Sendo essas características que vão fazer do homem um ser ímpar, principalmente no que se refere a possibilidade criativa e a evolução tecnológica.

Neves (2006), estima que o processo de bipedia aconteceu apenas entre 7 e 2,5 milhões de anos, o homem anatomicamente moderno há aproximadamente 200 mil anos e a evolução do significado no cérebro tenha ocorrido por volta de 45 mil anos atrás.

É importante compreender que as lutas sempre estiveram presentes em todos esses momentos, participando e incorporando as características inerentes de cada momento histórico, adquirindo complexidade e significados compatíveis com a complexidade social em cada período.

Archanjo (2005), expõe hipoteticamente que em um primeiro momento da formação humana as lutas estiveram mais relacionadas ao domínio ou a constituição de um líder nos bandos, uma vez que eram coletores não havendo, portanto, outras razões significativas para lutar.

Posteriormente, o homem amplia suas possibilidades de interagir com a natureza a partir da utilização e produção de implementos que passaram a ser utilizados para execução de diversas tarefas, dentre elas, armas de ataque e defesa. Esse fato, além de acrescentar a caça as suas novas práticas, vão produzir novos hábitos, como o consumo de proteína animal em sua dieta provenientes dos produtos da caça, ocasionando o trânsito do homem de coletores para caçadores. Conseqüentemente, essa nova característica irá produzir novas razões que demandaram outras necessidades para lutar, como a defesa do produto de caça.

O início da civilização foi marcado pelo domínio da produção agrícola e domesticação animal, representou um avanço tecnológico bastante significativo no que se refere a produção de alimentos em grandes proporções, como também, a possibilidade do homem se fixar na terra por não haver mais a necessidade de deslocamentos a procura de alimentos.

Para Aguiar; Frota, (2002), os humanos ao se fixarem nas terras, passam a levar uma vida sedentária. Grupos nômades, motivados pelo domínio das terras produtivas e possuidores de maior força física e mais qualificados para confrontos corporais, empreenderam derrotas constantes em confrontos corporais com os sedentários que tiveram que se qualificar para resistir a esses ataques.

Sendo assim, o início da civilização é responsável também pelo surgimento das lutas de forma especializada, assumindo o contorno e as características de acordo com as necessidades e possibilidades de cada civilização. Esse período, segundo Archanjo (2005), caracterizou-se pela diversificação cultural, que vai conferir às lutas uma diversidade com as mesmas proporções, acompanhando a evolução das civilizações e incorporando ao longo dos anos outros significados e funções que perduram até hoje.

O fato é que as diversas formas de lutas, com armas, sem armas, principalmente as especializadas, fazem delas um fenômeno extraordinário, uma vez que carregam consigo o “DNA” das civilizações que as originou. Transformando cada luta em uma riqueza histórica, cultural e/ou filosófica, que precisa ser considerada de forma particular, como fonte de conhecimento desprovida de

dogmas ou outros expedientes místicos que dificultam a apropriação das lutas de forma integral.

1.2 LUTAS, ARTES MARCIAIS E MODALIDADE ESPORTIVA DE COMBATE

Segundo Martins (et al., 2010), frequentemente a história das lutas tem sido transmitida sem uma visão contextualizada do ponto de vista histórico e social dos fatos. Essas questões muitas vezes provocam, de certa forma, simplificações, incompreensões ou imprecisões conceituais sobre elas. Em relação a esse assunto, Gonçalves, A. V. L.; Santos da Silva, M. R. (2013), comentam que as artes marciais e as lutas são temas que tem surgido com muita frequência no cenário acadêmico, geralmente aparecem em um campo de batalha sobre duas formas de pensar, praticar e falar, a partir de diferentes bases epistemológicas, que dependendo do sentido que se queira abordar sobre o assunto, serão usados os termos lutas ou artes marciais, dando a entender que se trata de coisas diferentes.

Segundo Roque (2010), o termo arte marcial refere-se à Arte da Guerra, a palavra Marte referente ao Deus da guerra no Panteão Romano. Para Lançanova (2007), “luta” é um termo que pode ser empregado a todo combate entre dois ou mais indivíduos, dotados de treinamento especial ou não. Arte Marcial é um termo mais abrangente, utilizado para definir um conjunto de conhecimentos com finalidade de combate entre guerreiros ou militares.

Correia; Franchini (2010), ao analisar a produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate, considera que o termo “luta” quando se referindo às lutas corporais, pauta-se a combates corporais conflituosos entre seres humanos. Acrescentam que as formas de lutas sistematizadas que surgem em diferentes contextos sociais foram acrescidas de uma “dimensão ética e estética que ganham uma expressiva proeminência”. Sobre a expressão “arte”, os autores evidenciam que se relacionam as atividades com características “expressiva, inventiva, imaginária, lúdica e criativa”, o termo “marcial” liga-se ao “campo mitológico faz alusões à dimensão conflituosa das relações humanas”. Acrescenta ainda as Modalidades Esportivas de Combate que absorvem os dois termos/atividades (lutas e artes marciais) dentro das sistematizações propostas

pelas instituições esportivas que focalizam os aspectos competitivos, o controle de resultados, maximização do rendimento corporal, etc.

É muito importante frisar, que os autores acrescentam ainda que a falta de consensualidade vem demarcando os debates sobre a conceituação dos termos e salientam que:

As lutas, as artes marciais e as modalidades esportivas de combate (L/AM/MEC) implicam um universo amplo de manifestações antropológicas de natureza multidimensional e complexa..., é possível identificar uma pluralidade muito patente nas suas diferentes configurações sociais, formas de expressão, repertório técnico, linguagens, organização e institucionalização. (CORREIA; FRANCHINI, 2010)

Percebemos que a simples análise dos termos não representará o que de fato são as lutas, artes marciais ou modalidade esportiva de combate, como também, conceituar algo tão complexo parece não ser possível. Tentando refletir um pouco mais sobre a questão do conceito, podemos observar que o termo “artes marciais” geralmente é associado a uma determinada concepção epistemológica que busca de certa forma garantir elementos essenciais da luta em questão, tentando ligá-la à sua forma original. Quanto a isso, Gonçalves, A. V. L.; Santos da Silva, M. R. (2013), ao analisar as características de textos que utilizam as artes marciais como expressão, relata que eles buscam atrelar-se a uma noção “geográfica, moral e cultural do que entendemos por oriente”, sendo essa expressão utilizada “como sinônimo do que é exótico, misterioso, profundo e seminal”.

O certo é que isso ocorre muitas vezes sem a observação da dimensão histórica e evolução temporal que exige durante o percurso modificações e ressignificações das atividades corporais, para que possam acontecer em outro período e contexto histórico, que guardam pouca ou nenhuma relação com o modelo original, quando foram criadas motivadas por valores e necessidades específicas, de cada sociedade em seu tempo. Sobre esse assunto, Martins et al. (2010), salienta que por mais aparente semelhanças que uma determinada prática corporal possa ter com outras formas de manifestação corporal em outros tempos, não podemos afirmar que são a mesma coisa.

Portanto, precisamos compreender que o traslado de uma luta de um tempo para outro guardando todas as características originais, jamais será possível.

Entretanto, consideramos importante que se busque preservar os elementos históricos, até mesmo os elementos filosóficos, que muitas vezes estão contidos nas lutas ou artes marciais, que geralmente defendem a educação, formação moral e ética dentre outros valores perfeitamente compatíveis com a nossa sociedade na atualidade. É necessário entender a complexidade da sociedade e adequar esses valores de forma que atendam às suas expectativas educacionais, morais e éticas.

É preciso alcançar a compreensão das lutas dessa forma ampliada, de modo que possibilite apreender os elementos históricos e filosóficos, quando for o caso, sem contudo, transformá-la em uma atividade engessada que não permite aos seus praticantes interagir com essa modalidade de forma criativa e crítica.

Voltando a questão do conceito, Rufino e Darido (2011); Rufino e Darido (2015), afirmam que as lutas pertencem à cultura corporal, sendo suas atividades ligadas a própria história e a cultura da humanidade. Os autores fizeram uma pesquisa volumosa sobre a terminologia dos termos (lutas, artes marciais e modalidade esportiva de combate), concluíram de forma semelhante, que o entendimento dessas modalidades que advogam determinados conceitos, está ligado ao referencial teórico de cada um.

Concordando com Rufino e Darido (2011), que salientam que esses três termos “representam o universo, que é envolto por múltiplos significados e contextos plurais, dessas temáticas da cultura corporal”. Defendendo a dificuldade e a pouca utilidade da busca de um conceito fixo e inequívoco para as lutas, artes marciais e modalidade esportiva de combate, por considerarem que isso não seria possível, porque “elas são fenômenos tão dinâmicos, tão múltiplos e tão plurais que defini-las seria, em parte, uma forma de limitar o entendimento”. Consideram mais importante ampliar as compreensões dos aspectos históricos e culturais destas práticas, bem como analisar a importância delas no contexto da educação formal, já que são partes integrantes da esfera da cultura corporal, devendo ser transmitida aos alunos.

A partir disso, entendendo que as questões conceituais precisam de um profundo debate que possam assentar as lutas em bases epistemológicas mais sólidas sem o perigo cristalizante de conceitos que transformem as lutas em uma

atividade amorfa, sem energia que dificulte a sua prática numa perspectiva metodológica criativa e crítica.

CAPÍTULO 2 – DO JU JUTSU AO JUDÔ KODOKAN

2.1. O JUDÔ: FUNDAMENTOS HISTÓRICOS

Partimos da origem em que surge o judô, compreendendo que o estudo de uma atividade humana deva acontecer simultaneamente a uma análise do próprio contexto histórico e cultural da sociedade. Concordamos que um estudo mais aprofundado sobre o tema possa produzir grandes avanços na modalidade em voga, pois existem vários assuntos que não podem ser compreendidos sem a consideração do contexto (ELIAS, N.; DUNNING, E., 1992).

Analisar o contexto da sua criação, partindo do pressuposto que:

As práticas corporais institucionalizadas têm sua configuração articulada com as dimensões sociais, culturais, econômicas, políticas de um dado contexto (que deve ser entendido no tempo e no espaço). (MELO, V. A.; FORTES, R. 2010, p. 24)

Em busca de resgatar nos fundamentos históricos, filosóficos e pedagógicos do judô, os elementos, aparentemente esquecidos, primordiais para uma prática de qualidade fundamentadas em um pensamento crítico, com intuito de analisar referências que nos auxiliem no entendimento ou no redimensionamento desse conhecimento judoístico como instrumento de formação dos seus praticantes no contexto atual.

O Judô não teve na sua criação a intenção de ser uma arte marcial no sentido estrito da palavra, e sim uma modalidade de luta com objetivos esportivos e pedagógicos (GAMA, 1986; OLIVEIRA 1999). Origina-se do Ju Jutsu, uma arte marcial muito antiga e eficaz, sendo as explicações da sua origem baseadas em lendas, tornando impossível estabelecer com precisão o período do seu início. (KANO 2008; OLIVEIRA 1999; SANTOS 2009).

O Ju Jutsu tem a sua melhor fase durante o período Tokugawa, família que dominou o Japão por quase trezentos anos (1603 a 1867). Nesse período, como estratégia de manutenção do poder e de evitar influências que abalasses a dominação imposta, a família Tokugawa produz o isolamento do Japão para o resto

do mundo. Para garantir a estrutura montada, eram os guerreiros Samurais³ detentores do poder militar que através das artes marciais, dentre elas o Ju Jutsu, afiançavam a manutenção da ordem e a estrutura política vigente.

Os Samurais eram exímios lutadores com espadas, alguns autores chegam a descrevê-las como o implemento mais importante, chegando a representar a extensão da alma de um Samurai. A verdade é que os Samurais eram especialistas em diversos tipos de lutas, e possuíam um comportamento impecável, mediado por um código de ética chamado Bushidô (caminho do guerreiro) que se fundamentava nas filosofias orientais. Por mais paradoxal que pareça, sendo o Bushidô a força geradora que fazia dos samurais os guerreiros mais enérgicos e eficazes que existiram na humanidade, era também regulador das condutas morais e éticas que exigiam certo tipo de comportamento social com o mesmo rigor. Segundo Carvalho:

A parte de equipamento militar de um samurai de maior valia era de natureza moral e psicológica, [...] a honra e o nome de seus ancestrais eram valores que deveriam ser prezados acima da própria vida. Para além do código de ética o bushidô era um caminho de vida. A lealdade a honestidade a modéstia, a honra e o orgulho do que era. (CARVALHO, 2007 p. 76)

Impregnado desses valores, o samurai enfrentava grandes confrontos sem temor da morte e se, durante uma batalha ela acontecesse, isso seria encarado com naturalidade por todos. Segundo Nitobe (2005), o código de princípios morais do Bushidô, não foi escrito por nenhuma religião ou filosofia, sua transmissão se deu oralmente, sendo incorporado pelas pessoas de forma natural. Toma emprestado do Budismo o senso de confiança e calma frente ao destino incerto. Do Xintoísmo, a lealdade ao soberano, reverência a memória ancestral, além de acreditar na pureza da alma humana, que deveria ser cultivada com determinação. Nitobe (2005, p.14), afirma que “para nós o país é mais que terra e solo são a moradia sagrada dos deuses, dos espíritos e de nossos ancestrais”.

No que se refere à ética, o samurai vai buscar em Confúcio a maior contribuição, estando a ética presente em todas as relações de convivência, seja familiar, amigável, em conflitos guerreiros e com a própria nação. O conhecimento,

³ A palavra significa aquele que serve, eram famosos por serem exímios lutadores de diversas artes marciais. Apesar da palavra samurai não flexionar no plural, acrescentaremos o “s” para melhorar a leitura do texto.

sobre qualquer dessas filosofias, em certa medida era secundário à ação, sua importância seria considerada quando assimilada na mente e vista no caráter de uma pessoa. (NITOBÉ, 2005).

Para Nitobe (2005, p. 106): “As virtudes não são menos contagiosas que os vícios. [...] Nenhuma classe social ou casta pode resistir ao poder difusivo da influência moral”. Concordando com o autor, vemos na história os primeiros indícios do que seria uma metodologia crítica, a partir dos fundamentos histórico e filosófico do judô, sendo o resgate do elemento essencial do Bushidô, não como mística, e sim, materializada em uma prática que valoriza as questões éticas e morais no contexto atual.

Como ponto inicial para reflexão, é preciso compreender que esse código de ética não foi exclusivo das artes marciais, regulava o comportamento de todas as esferas da convivência social, familiar, de amizades ou conflitos. Os samurais eram perfeitos e exemplares em tudo que faziam, causaram tanta admiração a sociedade pelo seu comportamento, chegando a influenciar toda a cultura do povo japonês.

2.2. O JUDÔ: FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS SEGUNDO JIGORO KANO

Com o fim da dominação da família Tokugawa, surge a denominada era Meiji⁴ (1867-1912), marcada pela abertura do Japão para o resto do mundo, ocasionando a saída da idade média japonesa para a modernidade, período de grandes transformações em todas as esferas da sociedade, levando o Japão a ignorar a própria cultura, na urgência de rapidamente absorver a modernidade ocidental (SUGAI 2000; VIRGÍLIO 2002).

A nova organização social e política em construção impossibilitava a continuidade da categoria samurai. Possivelmente, na efervescência em que se encontrava o Japão, a extinção dos samurais não foi uma tarefa difícil de ser concretizada, o fato é que rapidamente os samurais foram considerados coisas do passado. Consequentemente, as artes marciais, dentre elas, o ju jitsu, ligadas fortemente a eles, foram também desprestigiadas.

⁴ Período que representou o renascimento do Japão.

É nesse contexto que surge o judô, em 1882, através de Jigoro Kano, um jovem estudioso, com formação na área de educação e filosofia, além de ser uma pessoa com grandes preocupações educacionais, fato esse que irá acompanhá-lo por toda vida, sentia-se incomodado com a “pulverização” da cultura tradicional japonesa, imposta pela modernização desenfreada. Admirador do Ju Jutsu, se interessa por sua prática, entendendo que uma atividade humana deveria ter como objetivo, servir a sociedade. Fundamentado nesse entendimento, ele irá reconstruir os propósitos do Ju Jutsu. Não mais para uma esfera guerreira, mas para contribuir com um processo que levasse a educação de seus praticantes com implicações sociais. O servir tem outro objetivo que é a formação de um sujeito capaz de contribuir com a sociedade de forma crítica.

Jigoro Kano via no Ju Jutsu grandes possibilidades educativas, além de representar um patrimônio cultural do povo japonês que precisava ser resgatado. Entretanto, seria necessário implementar algumas modificações, a começar pelos próprios objetivos, uma vez que os principais objetivos do Ju Jutsu estavam ligados a situações de conflitos guerreiros. (OLIVEIRA 1999).

Kano (2008), considerava que o elemento combativo se encontrava no núcleo da prática do Ju Jutsu; a educação física e o treinamento mental sempre estiveram presentes entre suas metas, mas quase nunca foram refletidas nessa perspectiva. Entendendo o Ju Jutsu, como uma herança cultural valiosa, investe no seu estudo até criar o Judô Kodokan⁵. Conserva o que era relevante relacionado aos objetivos educacionais e descarta o que não valia a pena manter. O importante para ele era que as modificações representassem uma possibilidade de aplicação na sociedade. Indica como elemento diferencial na prática do judô a busca do “Dô” (caminho), enquanto o Ju Jutsu buscava o “Jutsu” (técnica), sendo nesse caso a habilidade considerada a qualidade mais importante.

A partir dessa constatação é possível presumir que muitas das reflexões filosóficas, apesar de permanecerem no campo da subjetividade, precisam ser materializadas numa ação humana pedagógica. Esse propósito educacional que

⁵ Já existiam no Japão algumas lutas de Ju jutsu que utilizavam o termo judô como prefixo ou sufixo, então Jigoro Kano associa ao seu Judô o termo Kodokan (Judô Kodokan), que é o nome da escola onde se praticaria o judô. Ainda hoje existe e é considerada a meca do judô no mundo.

não está ligado apenas na mudança do nome, mas em toda uma estrutura pedagógica, e principalmente técnica, num sentido mais amplo. O “Dô”, neste caso, é o próprio caminho que o judoca incorpora em sua vida cotidiana, mas também na sua relação prática de viver todos os fundamentos do judô. Por exemplo, se percebo que para atingir uma compreensão sobre a educação enquanto princípio pedagógico, em que aprendo com o outro e através do outro, não se admite uma valorização mecânica e reprodutiva de um saber para o outro, mas em comum com o outro. E essa perspectiva se constitui por um olhar metodológico mais crítico, tanto para quem constrói o processo pedagógico (professor), quanto para aqueles que experimentam (alunos).

Sobre o “Dô” Jigoro Kano explica que:

Na Kodokan, estudamos técnicas com o propósito de usar a energia mental e física da maneira mais eficiente possível para atingir objetivos, não importam quais sejam. [...], portanto, as pessoas que passam por treinamento não imitam meramente as ações do mestre nem praticam sem compreender as razões por trás do que estão fazendo. (KANO 2008, p. 32)

No Judô Kodokan, não se tratava de uma prática sem significado, buscava-se transcender o aspecto meramente físico através de objetivos diversos. Para tanto, segundo Calleja (1989), Jigoro Kano com os mestres da Kodokan criam dois princípios filosóficos em 1922 que reforça as suas intenções acerca da prática do Judô Kodokan. O primeiro princípio ele chama Jita Kyohei (prosperidade e benefícios mútuos) e o segundo princípio é o Seiryoku Zenyo (melhor uso da energia mental e física).

O princípio Jita Kyohei (prosperidade e benefícios mútuos), é caracterizado pela compreensão e adesão a uma postura altruísta, materializada em uma constante preocupação com o outro. A esse respeito, Jigoro Kano explica a vantagem e importância desse comportamento:

[...] ações e pontos de vista às vezes entram em conflito com as de outros. Isso pode provocar desentendimentos e desconfianças, o que muitas vezes resulta em desvantagem para ambas as partes. [...] é preferível uma relação que fomente ajuda mútua e cooperação. [...] devemos adotar a prática de procurar benefícios não só para nós mesmos, mas também para os outros. (KANO apud WATSON 2011, p. 154).

É preciso compreender que não se trata de um comportamento disforme, sem sentido e desprovido de caráter, e sim de um comportamento objetivado que procura avançar em direção a uma meta que representa mudanças importantes para todos envolvidos. Segundo Oliveira (1999), é necessário criar um ambiente onde o princípio “prosperidade e benefícios mútuos” não seja apenas uma referência teórica, e sim um pré-requisito para o desenvolvimento do judô, da vida e da sociedade. O ambiente que o autor se refere é solidário, ao mesmo tempo que entende que o desenvolvimento pessoal depende da promoção e desenvolvimento do outro.

O segundo princípio Seiryoku Zenyo (melhor uso da energia mental e física), está relacionado com a necessidade permanente da busca constante da perfeição, não só representando economia de gasto energético, mas principalmente no direcionamento positivo das energias a questões relevantes para o indivíduo e a sociedade. Adverte (KANO 2008) que apesar de resgatar os pontos fortes de cada escola do ju jutsu, não edificou o Judô Kodokan apenas no treino para luta, e sim o treinamento mental e físico como sendo o principal propósito básico do judô. Apesar desse princípio “aparentemente” estar ligado à aplicação das técnicas do judô, é um princípio que pode ser aplicado em quaisquer circunstâncias. Para Kano não importa qual o objetivo que se tenha, é preciso colocar sua energia mental e física para trabalhar de maneira mais eficiente e racional.

Sendo assim, não podemos usar o judô apenas como uma mera atividade prática desprovido de uma reflexão sobre seus princípios, é preciso compreender a relação teoria-prática, como uma ação projetada para a formação educativa do ser. Esse sujeito que a partir da sua expressão e representação pelo movimento, estabelece com os outros significados que emancipam tanto a prática do judô coletivamente quanto o próprio sujeito por se perceber importante na construção do processo de aprendizagem. Por isso que compreender esses elementos filosóficos contribui para uma metodologia que se torna imprescindível, justamente porque ela é crítica tanto para o professor quanto para os alunos. A esse respeito Kano (2008), exemplifica a aplicação desse princípio na coletividade:

Quando uma pessoa está sozinha o princípio seiryoku zenyo pode ser aplicado sem nenhum problema, mas, quando há um grupo de duas ou mais pessoas, basta que

uma delas aja de maneira egoísta para que surja um conflito. Mas, se todas as pessoas do grupo evitarem atitudes egoístas e agirem de acordo com as necessidades e as circunstâncias dos outros membros, o conflito poderá ser facilmente evitado e reinará a harmonia. O conflito gera perdas para todos, assim como a harmonia gera ganho para todos. (KANO, 2008, p. 60)

O ganho para todos relaciona-se ao gasto de energia desperdiçada em conflitos que não produzem resultados positivos. Ter como objetivo a melhoria da eficiência e da eficácia, certamente não será importante exclusivamente para o Judô, como também, para qualquer outra necessidade no decorrer da vida e para a sociedade. Observamos em Kano que o propósito defendido para o judô não se encontra em desacordo com uma metodologia crítica. O “Dô” (caminho), juntamente com os princípios preconizados por ele, apontam nessa direção. Entretanto, entendemos a necessidade de aprofundar essas questões: metodologia crítica e princípios filosóficos do judô.

2.3. A DECADÊNCIA DOS PRINCÍPIOS JUDOÍSTICOS E A ESPORTIVIZAÇÃO DO JUDÔ

A filosofia do judô de fato se encontrava todo tempo ao seu lado, os princípios filosóficos foram bem estruturados pelo seu criador como algo importante para dar força a sua prática como processo educativo. Contudo, esses princípios foram entendidos muitas vezes como uma atividade carregada de mistérios, proveniente das artes marciais, ou mesmo eventualmente ligada a Jigoro Kano como uma atividade que educa.

O judô se desenvolveu rapidamente e como veremos, houve pouco tempo ou possibilidades objetivas para que os princípios filosóficos quando conhecidos, não fossem suficientemente refletidos, impossibilitando que se ligassem a sua prática como algo inseparável, servindo mais como escudo para professores tradicionais implantarem uma prática do judô alienante. Observando os comentários de Marta (2009), ao afirmar que os imigrantes: “traz consigo mais do que apenas bens materiais; traz, antes de tudo, um grande arcabouço cultural reafirmador de sua identidade”. Em outro momento, o autor inicia uma reflexão que nos faz ponderar sobre a chegada do judô e das artes marciais no Brasil, que dificilmente foram introduzidas na sua forma original. Comenta ainda que isso se deu por haver

anteriormente a entrada da cultura corporal europeia nos países do oriente, que passaram a sofrer uma interferência cultural, levando o autor a considerar que esse fato aponta para, “indícios que nos ajudam esclarecer o porquê da rápida aceitação das artes marciais enquanto experiência corporal nas cidades do ocidente”, ou seja, houve no primeiro momento uma interferência cultural que de certa forma modificou ou produziu adaptações das artes marciais ao gosto e as possibilidades da cultura, no caso dominante.

Conforme exposto anteriormente, a era Meiji representou a passagem do Japão para a modernidade, causou uma tremenda efervescência social no esforço de absorver o máximo possível da cultura ocidental. O judô surgiu nesse período, portanto se Marta (2009) advoga que a interferência cultural europeia produziu modificações nas artes marciais que facilitou sua aceitação no ocidente, o que dizer da era Meiji, que a interferência cultural se deu por vontade desenfreada do povo japonês? É possível imaginar que Jigoro Kano dentro desse “novelinho cultural” criou o judô influenciado pelas duas culturas oriental e ocidental, pensando em fazer dela uma atividade com abrangência mundial. Quanto a isso, Franchini (2001, apud Franchini, e Del Vecchio 2007. p.127) menciona que o judô teve a intenção de ser uma atividade universal, que dialeticamente interage com diversas culturas que se adaptam a ele e o transformam em modalidade multicultural. Acrescenta o autor que “a esportivização em contraposição aos preceitos elaborados por Jigoro Kano é o maior exemplo do processo multicultural sob o qual passou o judô”.

Portanto, questões como essas têm provocado aborrecimentos a uma parte considerável de lutadores, professores, mestres, por julgarem que essas adaptações ou mudanças, as vezes profundas, causaram grandes prejuízos ao judô e as artes marciais. Sobre esse assunto, Gonçalves, A. V. L.; Santos da Silva, M. R. (2013), comentam o estudo de Rios (2005), que na tentativa de resgatar e sistematizar a história do taekwondo, considera que essa modalidade ao passar por um processo de esportivização iniciado em 1960, perdeu alguns elementos que a caracterizava como Arte Marcial, da mesma forma, Yonezawa (2010), ao considerar que as artes marciais atravessaram diversas mutações até adquirirem seu formato atual, ou seja, a mudança de arte marcial para luta. Gonçalves, A. V. L.; Santos da Silva, M. R. (2013), relatam ainda a existência de outros autores que defendem a

preservação dessas modalidades garantindo que elas não percam suas características iniciais como artes marciais.

Marta (2009), adverte que “não se deve esquecer também da relação que essas práticas corporais do oriente estabelecem com as ditas filosofias orientais, fortemente fundamentadas na indissociabilidade corpo e mente”. Sobre isso, levanta dúvidas a respeito da possibilidade desses aspectos terem se transformado em uma jogada de marketing. Suspeita bastante plausível, uma vez que no caso do judô as questões relacionadas aos conhecimentos filosóficos têm demonstrado, em diversos estudos, um escasso conhecimento dos seus praticantes.

Como exemplo sobre a ausência do conhecimento filosófico do judô destacamos três pesquisas que guardam 21 anos entre a primeira e a última, onde os autores investigaram sobre o conhecimento e a aplicação da filosofia do judô ao cotidiano. A conclusão das três pesquisas é que tanto os técnicos quanto os praticantes têm o conhecimento que o judô possui uma filosofia, mas não apresentam conhecimento sobre ela. Ficando demonstrado também que quando são possuidores de algum conhecimento filosófico não conseguem materializá-lo em ações metodológicas significativas, justamente porque não entendem ou não conhecem suficientemente seus fundamentos históricos e filosóficos. (SANTOS, S. G., 1990;), (SANTOS, S. G.; SANTOS, S., 2005) e (MORAES, FUFFONI, 2011).

Sobre os estudos supracitados, achamos pertinente pormenorizar uma questão relativa a uma das pesquisas mencionadas, que interroga os entrevistados sobre uma situação de treino em que houvesse perigo ao realizar uma técnica que machucaria o companheiro. 73% dos entrevistados afirmaram que a técnica não seria realizada e o argumento para isso é justamente a filosofia do judô. Entretanto, a mesma situação em um confronto decisivo, 53% não levaria em consideração os princípios filosóficos e a técnica seria realizada, na tentativa de responder às suspeitas de Marta (2009) sobre o uso das filosofias orientais através das artes marciais, como sendo uma jogada de marketing para vender um produto vazio. Não temos condições de afirmar isso para todas as lutas corporais, entretanto, no que se refere ao judô, historicamente a sua filosofia tem se apresentado, em muitos casos, como algo para embelezar o discurso ou como já anteriormente mencionado, como escudo para professores tradicionais implantarem uma prática do judô

alienante, sendo nesse caso, uma prática que não produzirá os efeitos proposto pelo discurso filosófico do referido professor.

Tomo emprestado a fala de Marta (2009), a meu ver, advertindo as pessoas envolvidas com as lutas e artes marciais que utilizam o discurso do resgate ou da manutenção da essência filosófica dessas lutas. Trago ainda as seguintes questões do autor: será que essas práticas eram, na ocasião de sua introdução no Brasil, tão orientais assim? Afinal, o que de oriental essas práticas ainda carregam? Frente ao exposto, aproveito para questionar, qual a importância disso? Como já mencionado e demonstrado anteriormente, o traslado de uma luta de um tempo para outro, guardando todas as características originais, jamais será possível... entretanto, Marta (2009) nos dá uma pista do que realmente é importante:

Cabe destacar que, na atualidade, outros interesses, tais como necessidade de praticar uma atividade física, o convívio social, o interesse pela prática de uma atividade esportiva e o interesse pela cultura e filosofia orientais, nas quais as artes marciais, em maior ou menor grau, encontram-se imersas, fazem com que muitas pessoas se aproximem desse tipo de atividade.

Segundo Cordeiro Júnior et al. (1999), toda prática corporal surge a partir de necessidades enfrentadas pelos seres humanos de acordo com os contextos históricos e diversos outros fatores. No caso das práticas corporais como o ju jitsu ou outras artes marciais em um sistema histórico/político feudal e tirano, as técnicas de lutas com golpes mortais imperavam. No entanto, olhando a realidade da sociedade contemporânea, qual a necessidade ou a importância dessas práticas reproduzirem ações motoras ou reflexões filosóficas assentadas na memória do passado?

Sobre esse assunto Archanjo (2005), afirma que as lutas adquiriram ao longo da história sentidos e significados diferentes para a humanidade, ou seja, elas estiveram presentes nas diversas culturas e assumiram contornos condizentes com o modelo das diversas sociedades em seu tempo. Albagnano (1962, apud Archanjo 2005. p. 07), afirma que as lutas fazem parte das divergências existentes nas sociedades e pode ser entendida dentro da teoria do jogo social. Luta-se por interesses diversos individuais ou de grupos, para manutenção ou oposição a certos aspectos da vida social, e por motivos tão diversos, quanto é diversa a sociedade.

Portanto, não tem sentido ficar buscando algo na filosofia das artes marciais que não consiga dialogar com a complexidade da sociedade contemporânea, que exige muito do ser humano e essas artes com suas filosofias ressignificadas, poderão contribuir profundamente com as necessidades humanas na atualidade.

CAPÍTULO 3 - CAMINHO DA METODOLOGIA CRÍTICA

3.1. FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS PARA UMA METODOLOGIA CRÍTICA.

É preciso refletir um pouco acerca do entendimento que defendemos o que seria uma metodologia crítica para o judô. A primeira questão é compreender que uma metodologia crítica se fundamenta a partir da realidade onde está sendo desenvolvida uma determinada prática pedagógica, em um momento real e em um contexto histórico também real. Para Freire (1980), educar de forma consciente e crítica, é o que ele chama de conscientização:

É tomar posse da realidade mais criticamente possível, assumindo uma posição utópica frente ao mundo, de forma que se perceba a realidade como algo que pode ser mudada.... Fundamentados no conhecimento profundo da própria realidade. (FREIRE, 1980)

Logo, uma prática pedagógica do judô nessa perspectiva estaria centrada no atual e real, tendo como pano de fundo a necessidade de buscar elementos essenciais que estão contidos na própria origem do Judô e que foram preconizados por Jigoro Kano, a partir do princípio do “Dô”, como já explicitado significa “caminho”, sendo um caminho para uma vida equilibrada e comprometida com as questões sociais.

Refletindo um pouco sobre a pedagogia do esporte Rufino; Darido (2012) afirmam que “é a área que discute as possibilidades não só de como ensinar os esportes, mas também os motivos de ensinar esportes, nas diversas formas possíveis de manifestações”, ou seja, o método será a materialização dos embates, discussões, identificações de motivos, valores e outras questões discutidas na pedagogia.

Dentre outras questões Rufino; Darido (2011) questionam a possibilidade de ensinar os esportes como uma atividade educacional e se é possível ir além dos conteúdos procedimentais. Argumentam que as lutas além de terem uma importância histórica e social fazem parte de diversos espaços de práticas, além de estarem muito presentes nas mídias, justificando a necessidade do estudo do trato pedagógico do ensino, como também, que a base epistemológica da pedagogia do

esporte proporcione um lastro que permita uma maior compreensão das lutas, contribuindo com sua prática pedagógica.

Portanto, o trato pedagógico que os autores propõem, certamente considera a construção histórica e social das lutas, de modo a contribuir com a compreensão da realidade onde ela está inserida, conseqüentemente, avançar além dos conteúdos. Para Freire (2000), a tarefa docente não é apenas ensinar os conteúdos, e sim avançar sobre essa questão, em busca da formação moral do aluno, acrescenta ainda, que o ensino transformado em puro treinamento técnico é negar o que existe de mais fundamental no ser humano no exercício educativo, que é o seu caráter formador. O autor nos passa o entendimento que é impossível se tornar um educador crítico, em uma ação pedagógica pautada na pura repetição mecânica que reproduz com perfeição ações anteriores.

Para Freire (2000), um professor crítico seria aquele que é desafiador e insere o educando no processo de ensino como sujeito também construtor do saber produzido. De nada adianta ter um grande domínio ou ser especialista em determinadas questões ou conteúdo, com discursos bem elaborados, sem perceber a realidade em que está inserido, que é fruto de uma construção histórica produzida pelo homem. Ou seja, o seu conteúdo não se liga a nada, não tem vida e não produz movimento, para o autor “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo”. (FREIRE, 2000 p. 24).

É importante refletir o que seria relevante ser considerado na perspectiva filosófica para uma metodologia crítica, que de fato produzisse o que existe de mais essencial para o ser humano na relação pedagógica. Nesse sentido, para Ferry (2012), o bem-estar é uma das principais questões sobre a terra, juntamente com a liberdade e para viver bem, para viver livremente, com alegria, generosidade e amor, precisamos, antes de tudo, vencer os medos. Para isso, o autor nos faz entender, que o conhecimento do mundo, de si e dos outros nos libertará em direção a superação dos nossos medos.

Ferry (2012), aponta como sendo as três dimensões da filosofia: “a inteligência do que é (teoria), a sede de justiça (ética) e a busca da salvação

(sabedoria) ”, acrescentando que nós seres humanos somos os únicos entre os animais, que temos plena consciência que a nossa existência no mundo é por um tempo determinado, sendo assim, as questões do saber, o que vamos fazer nesse pouco tempo no mundo é de extrema importância. Precisamos ainda considerar que o processo de educação nos mostra que não poderíamos nascer e subsistir sem a ajuda de outros. Então, saber como viver com o outro, como se comportar e outras questões relacionadas ao convívio em sociedade, passa a se constituir uma tarefa de extrema importância.

Se concordarmos com o autor, seremos forçados a compreender que o ato de ensinar desprovido de conteúdo para a construção do humano, bem como, um ensino que não conduz o aprendiz a sua plenitude, não se justifica. Para Ferry (2012), “Tarefa primeira da filosofia é ver o essencial do mundo, o que nele é mais real, mais importante, mais significativo”.

Sendo assim falar de metodologia do judô, trazendo a sua filosofia como base, significa resgatar de forma prática o princípio da “Prosperidade e Benefícios Mútuos” que segundo Santos (2009), por ser o judô uma prática realizada em duplas e “para que eu me aproprie eu preciso do meu oponente e vice-versa. É com essa troca que se entra em contato consigo mesmo (prosperidade), com os próprios medos, ansiedades, reações e hábitos” (SANTOS, 2009, P 46).

Para Oliveira (1999) é no momento dessa inter-relação com o outro que todos avançam, quando o aluno percebe que o seu parceiro precisa ser preservado e precisa se desenvolver, mesmo por que, o seu próprio desenvolvimento depende disso. É possível perceber com uma boa orientação a importância de não ser egoísta, egocêntrico, bem como, assumir uma postura altruísta na sociedade como sendo vantajoso para todos. Para Kano (2008), o valor de uma pessoa está relacionado no quanto ela contribui para a sociedade e o propósito do Judô é o aperfeiçoamento do ser humano, como um agente da sociedade e adaptado ao seu tempo. É importante considerar, que para Kano esses propósitos são semelhantes aos das pessoas comuns e aí está o valor do Judô, integrado às necessidades humanas do cotidiano.

Com a modernidade e o avanço das ciências, Ferry (2012), afirma que algumas verdades foram profundamente estremecidas, as descobertas científicas vão abalar tanto as estruturas relacionadas à ideia de cosmos harmonioso e bom, quanto a ideia da fé como possibilidade da salvação. Para o autor, isso vai provocar grandes desafios para a filosofia, principalmente no plano teórico e ético. Sendo assim “o pensamento moderno vai colocar o homem no lugar e na posição do *cosmos* e da divindade. É sobre a ideia de humanidade que os filósofos vão empreender a reconstrução da teoria, da moral e até mesmo das doutrinas da salvação” (FERRY, 2012 p.72).

A filosofia agora estruturada nas ideias basicamente humanistas, segundo Ferry (2012), parte primeiramente na busca de estabelecer a diferença entre o homem e o animal. Sendo assim, o autor nos traz inicialmente as ideias de Rousseau, com uma nova definição de humano que vai possibilitar uma compreensão mais ampliada e mais precisa sobre a diferenciação do homem e o animal, permitindo-nos compreender como sendo a principal diferença, não mais relacionada à racionalidade ou a inteligência, e sim ao fato de que só para o homem é permitido fundar uma nova moral e ética. Deste modo, o critério de diferenciação entre o homem e o animal reside na liberdade, uma vez que o animal tem que seguir a natureza da sua criação, enquanto o homem, apesar da natureza se encontrar presente, pode se afastar das regras naturais escolhendo suas condutas, além de possuir a possibilidade de se aprimorar.

Em outras palavras, o que move um animal é o instinto, enquanto o homem decide de forma livre as suas ações. Por essas razões, principalmente por perceber que o homem não possui uma natureza que regule as suas ações, as questões da ética e da moralidade assumem uma importância incomensurável e a educação se torna, de forma mais efetiva, um instrumento que precisa cada vez mais investir numa formação mais abrangente.

O filósofo Emanuel Kant, considerado por muitos como um dos maiores filósofos da modernidade, investe com muita tenacidade na busca de estabelecer uma lei que pudesse regular o comportamento humano. Nos trazendo o que ele chama de Imperativo Categórico. Para Kant (2007) esse imperativo tem força de lei prática que deve servir de parâmetro para regular todas as ações humanas: “Age

apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal". Sendo o homem agora compreendido como um ser social e histórico, podemos considerar importante o imperativo categórico de Kant, que de certa forma regula um fazer humano, na busca de produzir bem social.

Podemos perceber que a questão ética é realmente uma essência da relação humana que deve estar presente em todas as esferas desse comportamento, garantido uma boa convivência que promova o desenvolvimento da sociedade de forma crítica, sendo a educação através de metodologias fomentadoras de um ideal de perfeição humana. Para o judô, segundo Carvalho (2007), será materializada através de professores que não impõem seus valores, compreendendo que os alunos têm o direito de escolher e de aprender a escolher. Para tanto, o professor tem que convidar os alunos a conhecer a realidade na qual se dá o judô, de maneira reflexiva crítica e radical.

CAPÍTULO 4 – PARTINDO DA NOSSA REALIDADE

4.1. JUDÔ NO BRASIL: FUNDAMENTOS PARA METODOLOGIA CRÍTICA

A respeito da chegada do judô no Brasil, existem basicamente duas vertentes que poderão nos ajudar na compreensão de quais foram os primeiros passos dessa modalidade no país. Nunes; Rúbio (2012), apontam principalmente a sua chegada, a partir de 1908, através dos imigrantes japoneses que vieram trabalhar na lavoura. Acrescentam ainda, outra versão a partir dos professores Mitsuyo Maeda e Soishiro Satake⁶, aportaram aqui em 1914, com objetivos mais específicos relacionados ao judô, viajando pelo país fizeram fama enfrentando desafios com lutadores de diversas modalidades de lutas⁷. (NUNES e RUBIO 2012; MONTEIRO 1998).

Consubstanciando essa segunda versão, Freitas; Vieira (2006), relatam que “oficialmente os primeiros registros de lutas (estilos de desafios) de artes marciais no Brasil datam de 1915”, após a chegada dos Mestres Mitsuyo Maeda e Soishiro Satake, enquanto os imigrantes japoneses nas colônias tinham como ocupação principal trabalhar na lavoura e seus objetivos mais urgentes estavam relacionados à sobrevivência, ou a fazer fortuna para retornar ao seu país de origem. Nas colônias, a prática do judô quando realizada, estava mais relacionada à manutenção da cultura ou a matar saudade através de práticas que remetessem à cultura do povo japonês. Segundo Monteiro (1998. P. 45), nas colônias “o judô torna-se um meio eficaz para manter o espírito japonês”, o propósito da manutenção da cultura na prática do judô é exacerbada ao ponto de ser incorporada como sendo pertencente à modalidade, que segundo Oliveira (1999), a influência do rigor da cultura japonesa, em prol da aprendizagem do Judô, nos judocas brasileiros, confundiu cultura com modalidade, transformando o judô em uma atividade misteriosa com comportamentos doutrinários.

É importante considerarmos que nenhuma dessas duas vertentes representou ações significativas relacionadas a uma filosofia, pedagogia ou ainda uma metodologia para o judô no Brasil, como também, não produziu agentes

6 Alunos da Kodokan que saíram do Japão pelo mundo com o propósito de divulgar o judô.

7 Essas lutas eram conhecidas como Vale Tudo.

disseminadores ou aberturas de academias de judô expressivas que pudessem referenciar tal assunto. A esse respeito Nunes (2011), relata que nesse período as únicas escolas que ele teve registro datam de 1925 quando Carlos Gracie⁸ abriu sua academia de jiu jitsu. Sobre esse assunto, o professor Nagai comenta: “quando estava havendo aquela divisão de judô e jiu jitsu, então, o pessoal japonês vinha para cá e não dizia judô, porque no Brasil ninguém conhecia como judô só jiu jitsu, então, justamente os Gracie já tinham essa academia”. É na década de 1930, com poucas academias que surgiram a partir dos japoneses que chegaram ao Brasil, que acontece um movimento mais acentuado para a separação do judô e jiu jitsu. Nessa década, destacamos entre outros, o ano de 1936, com a abertura da academia de Ryuzo Ogawa (como já informado anteriormente foi o mestre do prof. Nagai).

É preciso que não se tenha a ideia de que o judô nasceu pronto no que se refere aos seus fundamentos filosóficos, conforme já mencionado anteriormente, só foram sedimentados em 1922. Portanto, ao chegar ao Brasil em 1908 através dos imigrantes que vieram trabalhar na lavoura, passando por Maeda e Satake em 1914, a abertura da academia Gracie em 1925, até os imigrantes que aqui chegaram a partir de 1930, não nos é permitido imaginar a menor possibilidade do mesmo ter sido tratado em toda sua inteireza, basta considerarmos que o judô, no próprio país de origem, passou por um longo processo de amadurecimento filosófico. No Brasil não foi diferente, foram diversos olhares com objetivos também diversos que construíram o judô e só a partir da década de 30 começaram a surgir preocupações relacionadas com a educação, formação moral e filosofia.

A partir dessas ponderações, advogamos a possibilidade de uma terceira via relacionada aos professores que aqui chegaram a partir da década de 30.

Como marco de um novo olhar o início de um judô com perspectivas educacionais, uma vez que, como pudemos observar antes desse período não existiu nada, ou quase nada, especificamente relacionado ao judô, nem ao menos próximo aos ideais de Jigoro Kano. O termo judô antes dessa década muitas vezes

⁸ Foi aluno direto de Mitsuyo Maeda, no aprendizado do jiu jitsu.

era utilizado como sinônimo ou como apêndice do próprio jiu jitsu e só a partir da chegada desses professores, principalmente do professor Ogawa em 1934, que o judô começa a adquirir uma identidade própria e a aproximação de um formato mais pedagógico.

Sobre o Prof. Ogawa, além de Virgílio (2002) o considerar um dos precursores mais importantes do judô no Brasil, Nunes (2011) o identifica como o genearca que influenciou uma grande quantidade de atletas e sua academia foi uma das mais destacadas do país, sendo responsável por várias gerações de atletas de excelente qualidade, transformando-os nos verdadeiros agentes disseminadores do judô. Dentre vários exemplos, citamos o fato do prof. Harada que segundo Nunes (2011), foi um excepcional competidor de sua geração, ele afirma que iniciou no judô na academia do prof. Ogawa e identifica o prof. Nagai como seu mestre. O autor identifica mais duas gerações posteriores de atletas/professores vinda do professor Harada, de grande relevância no cenário brasileiro.

4.2. NAGAI HISTÓRIA E DEPOIMENTOS: EM BUSCA DOS FUNDAMENTOS PARA UMA METODOLOGIA CRÍTICA

No início desse capítulo fizemos uma pequena reconstituição do começo do judô no Brasil, percebendo os caminhos percorridos por essa modalidade até meados da década de 30, mais precisamente 1936, quando houve a abertura da academia do Professor Ogawa, mestre do Professor Nagai. Um dos objetivos desse breve resgate foi demonstrar as circunstâncias que sobreveio a aproximação do professor Nagai a essa modalidade, possibilitando observarmos que apesar de passados quase quarenta anos da chegada do judô em nosso país, ou seja, a partir de 1908 até a sua entrada nessa modalidade, aproximadamente em 1946, o judô ainda se encontrava embrionário. Fato este que nos permite, de certa forma, em um primeiro momento situarmos a importância do professor Nagai no processo de desenvolvimento do judô no Brasil, por se encontrar muito próximo do início da “edificação” ou dos primeiros entendimentos dessa modalidade como uma atividade educativa.

Consideramos indispensável esclarecer que nesse momento não temos o propósito de contar com riqueza de detalhes a vida do professor Nagai, e sim, uma

breve narrativa sobre a sua história trazendo alguns feitos judoísticos e priorizando os elementos mais essenciais que nos permitam relacioná-los ao estudo em questão, ou seja, analisar os fundamentos históricos-filosóficos-pedagógicos do judô para uma metodologia crítica.

Como já mencionado, o Prof. Tadao Nagai é de grande relevância no cenário do judô brasileiro e pernambucano. Nasceu em 1935 na cidade de Avaré, onde morava com seus pais japoneses que aqui chegaram em 1930 para trabalhar na lavoura. Com onze anos foi levado por um amigo de seu pai para morar na residência do Mestre Ryuzo Ogawa⁹, na cidade de São Paulo onde funcionava uma academia de Judô e Ju Jitsu. (VIRGÌLIO, 2002; GONDIM, 2017). Sobre esse fato o Prof. Nagai conta que ao chegar na casa do Prof. Ogawa viu o pessoal lutando e falou: “É isso que eu quero!!”.

A partir da narrativa da sua chegada na Academia Ogawa, indagamos sobre a força ou a intenção da manutenção da cultura nipônica ou patriotismo, pelo fato da sua saída do interior (ambiente repleto de japoneses e filhos de japoneses) para a capital com o objetivo de aprender judô com um professor também japonês. Ele reconhece o interesse da manutenção cultural, mas faz questão de relatar duas passagens que inicialmente o deixou bastante intrigado e que até hoje não foi possível esquecer.

Conta que no início da sua vida escolar na roça, (convém registrar que andava 40 minutos para chegar à escola), quando estava começando a escrever, o seu pai disse: “Você vai escrever vinte vezes eu amo meu Brasil”. Ele relata que depois de escrever, começou a pensar por que o seu pai que é japonês, mandou ele escrever, eu amo meu Brasil? O tempo foi passando e ele pôde perceber o espírito do patriotismo, segundo ele: “não é aquele cara que só pensa pra si, é pra pensar no seu país”.

Em outro momento, quando o Japão perdeu a guerra, o seu pai reúne a família, chorando muito e comunica o ocorrido, ao mesmo tempo em que pede para seus filhos não envergonharem os brasileiros. O curioso, ou paradoxal, é que nessa

⁹ Conforme já mencionado, um dos maiores expoentes do judô no Brasil.

ocasião ele descreve que os brasileiros saquearam tudo, pegaram criação, fizeram todo tipo de barbárie, diz ele: “isso eu senti na carne”. “Meu vizinho chamado Kato, reagiu a isso e foi assassinado”. Acrescenta ainda: “Essas duas coisas marcaram minha vida. O incidente da guerra e meu pai dizer eu amo meu Brasil”.

Esses fatos nos remetem à fala de Nitobe (2005, p.14), quando explica que para os japoneses o país é mais que uma simples terra, é local sagrado dos deuses e dos ancestrais, por isso precisamos amá-lo. Então, Nagai conta que depois de muito tempo pôde montar uma possível compreensão sobre esses momentos que tanto marcaram sua vida. Aos poucos pôde ir percebendo que essas questões estavam relacionadas a sentimentos mais profundos que envolvia a família, a sociedade, a religiosidade e a pátria como um todo. Ele comenta que apesar do seu pai ser japonês e amar profundamente o Japão, fazia questão que seus filhos, que eram brasileiros, se ligassem com a mesma força ao Brasil.

Na Academia Ogawa, segundo Virgílio (2002); Gondim (2017), Nagai teve que se submeter a um regime de treinamento e afazeres domésticos rigorosos, o que para ele, não foi problema devido a sua índole de origem rural acostumado a ajudar o seu pai na lavoura. Como exemplo de afazeres, os autores citam o fato de estudar pela manhã, treinar a noite, ainda aprender japonês e cuidar das instalações da academia, quartos, banheiros... Sobre esse assunto, o professor Nagai, acrescenta:

“Ogawa... morei 13 anos e naquela época o judô, professor Ogawa era muito enérgico, o judô era totalmente diferente do que nós praticamos agora....de manhã cedo, 5h30 para 6h nós acordávamos, fazíamos a limpeza da academia, limpando banheiro e quintal...nós éramos em 13 internos lá na academia e aí...6h30, 7h ia tomar café, depois disso... alguns iam para o colégio, outros ficavam fazendo outras coisas, porque estudavam a tarde, ninguém voltava para o quarto”.

Perguntado se qualquer pessoa poderia morar na academia, e se era pago, o professor explica que Ogawa só recebia crianças através de indicações de pessoas conhecidas. Afirma que existia uma relação que envolvia dinheiro, mas ele não saberia informar sobre valores, entretanto, explica que eles:

“...não ficavam com dinheiro de jeito nenhum, caso precisasse de livro ou um caderno o professor Ogawa dava o dinheiro, aí você comprava trazia nota, ele dizia “anota lá no quadro negro”. Quando chegava à noite ele anotava tudo no caderno dele. No final do mês o pai vinha e acertava tudo. Precisava de dez reais

para transporte ele dava o dinheiro e dizia “anota lá”, no final do mês o pai vinha e acertava tudo, eu nem sei quanto meu pai pagava”.

O professor acrescenta ainda um comentário que ele considera importante relacionado a tantas obrigações e tanto controle:

“Uma pessoa pensaria, se eu pago porque que eu tenho que lavar banheiro, aí o professor Ogawa dizia “é para o bem de vocês, não é que eu quero me aproveitar de vocês isso é para o seu bem...” Para sair, para ir ao cinema o professor Ogawa mandava uma pessoa assistir para ver se era bom mesmo, aí nós íamos”.

O certo é que o sentimento que o professor Nagai preserva sobre esses eventos é de gratidão e orgulho e afirma: “tudo o que eu tenho eu devo a família Ogawa, professor Ryuzo Ogawa e Matsuo Ogawa filho”. É importante percebermos que a relação na academia estava pautada na honestidade e confiança, apesar de ser um regime duro era um ambiente saudável.

Quanto a rotina dos treinos ele afirmou que treinavam três vezes por semana, eram de duas a 3 horas de aula, relata ainda que “era muito puxado os treinos, todo final de treino estávamos bastante suados e o professor Ogawa falando sobre a disciplina do judô, que judô era isso e aquilo...contava a vida dele, tudo era educação”. Acrescenta que:

“se o aluno era novato (faixa branca), ele tinha que cair 50 vezes por dia até aprender a cair para depois aprender os golpes não é como agora que ensina um golpe primeiro pra ele. Ele (Ogawa) dizia: “você vai começar agora caindo, o dia todo caindo, não vai aprender golpe nenhum”. Assim primeira, segunda, terceira, quarta, quinta aula.... Professor Ogawa dizia que “o principal é a base”.

Depois diz que o professor Ogawa contava a história de uma pessoa que construía prédios, segundo ele, esse rapaz ficava de um a três dias só amolando seus instrumentos, mas quando começava a obra acabava rápido porque estava bem treinado. E diz “Tem que ser primeiro a base”. Continuando, acrescenta que depois de um tempo, começou a diminuir a quantidade de internos e o próprio professor Ogawa deixou também de aceitar alunos para morar na academia, supõe que talvez por causa da sua idade que foi avançando. Esclarece que ficaram reduzidos de 4 a 5 internos e ele foi o único que permaneceu por 13 anos. Nagai afirma: “comecei a aprender com ele, passei a ser auxiliar dele”. Perguntado sobre a idade do professor Ogawa quando ele começou a dar aulas, o professor Nagai disse: “na verdade eu não sei a idade que ele tinha, mas era uns 75 mais ou menos

por aí, e depois que ele deixou, aí então quem tomou a frente foi o filho dele Matsuo Ogawa”.

Falando um pouco mais da história do professor Ogawa, Nagai acrescenta que ele chegou ao Brasil mais ou menos em 1934 e foi morar na cidade de Registro, interior de São Paulo, no mesmo período as pessoas ficaram sabendo que o professor Ogawa tinha conhecimento de Jiu-jitsu e de Judô, visto que na época o professor Ogawa já era uma pessoa muito conhecida e respeitada no Japão. Portanto, assim que ele chegou no Brasil, Nagai conta que: “o pessoal chamou ele logo para trabalhar na associação onde era Jiu-jitsu, Judô e kendô, ... então por essa razão professor Ogawa vai morar em São Paulo”. O trabalho consistia em visitar academias na capital e também no interior; segundo Nagai existia o objetivo de divulgar o judô, por essa razão o professor Ogawa fez parte da diretoria da associação de Ju Kendô, parceria que não durou muito tempo, porque a filosofia, a disciplina do judô dele, colidia com o que o pessoal estava praticando na associação. Nagai afirma:

“Ouvi muito bem o professor Ogawa várias vezes repetir essa história que chegou lá e viu um professor fumando na mesa da academia, e dizia, “mais vocês acham que isso aí é judô? Lá no tatame está sendo praticado judô, mas vejam o comportamento do professor, veja o comportamento de fulano e sicrano de chapéu dentro da academia, fumando cigarro dentro da academia, isso pra mim não é judô”.

Nagai explicou que para o professor Ogawa tudo isso era totalmente diferente do que ele tinha pensado, por essa razão, no segundo ano ele pediu demissão, saiu da associação e montou sua própria academia: Academia Ogawa Jiu-jitsu e Judô. Professor Nagai explicou a razão do nome “jiu jitsu e judô”, uma vez que, a intensão do professor Ogawa era divulgar o judô, mas, muitas pessoas não conheciam o judô, enquanto o jiu jitsu era muito conhecido.

Descrevendo as estratégias para o funcionamento da academia, afirma que o professor Ogawa se isolou por completo e seus alunos não poderiam sair para treinar em outras academias e ele não recebia alunos de fora. A ideia era fortalecer o grupo, por essa razão, Nagai afirma que passaram de 5 a 6 anos treinando isolados. Posteriormente chegou uma equipe do Japão, foi quando professor Ogawa decidiu que nós tínhamos condições de mostrar aos japoneses o judô da

academia Ogawa. Após a visita, os japoneses aconselharam ao professor Ogawa que seus alunos participassem de competições. Então, a partir desse momento os alunos da academia Ogawa começaram a competir.

Virgílio (2002); Gondim (2017), salientam, que o professor Nagai se desenvolveu extremamente rápido no judô e com apenas quinze anos, tornou-se o faixa preta mais novo da época. Casou-se aos 28 anos com Dona Shisako (popularmente conhecida como Dona Edite) tiveram quatro filhos que se destacaram no judô pernambucano, nacional, sendo três deles com experiência internacional.

Do desempenho do Prof. Tadao Nagai no judô, resultou uma magnífica coleção de resultados estaduais, nacionais e internacionais, dos quais destacamos: Campeão Paulista em 1955, Campeão do Torneio de Faixas Pretas em 1957 e Campeão Paulista. Em um Torneio internacional de judô no Ibirapuera entre Brasil, Japão e Argentina, foi considerado o atleta mais técnico, ganhando um magnífico troféu. Foi Campeão Brasileiro e em 1964 representou o Brasil em um torneio em Nova York. Chefiando a delegação Brasileira no México foi Campeão Pan-Americano (VIRGÍLIO, 2002; GONDIM, 2017).

Sobre o troféu que o professor Nagai ganhou no Ibirapuera, acrescenta Gondim (2017), que ele foi fruto de uma escolha realizada por Sumiyuki Kotani (aluno direto de Jigoro Kano – na época 8º dan). O professor Nagai esclarece:

Foi num campeonato que teve em comemoração ao centenário de imigração ou foi o aniversário de SP. Veio a equipe do Japão, Argentina e Brasil, três equipes, na verdade a equipe Japonesa era formada mais pelos japoneses mesmo radicados aqui no Brasil, o forte era a equipe da Argentina,... quando foi no individual não tinha peso era absoluto, entrei no meio peguei uns 4 argentinos tudo grandão e derrubei todos eles aí no final Kotani Hatidam (da Kodokan), me chama e me dá o troféu de atleta mais técnico.

Evidenciamos ainda que no ano de 1964 o professor Nagai foi classificado com outro atleta chamado Shiozawa para representar o Brasil na estreia do judô nas Olimpíadas de Tóquio. Na ocasião, devido a cortes de verbas, foi enviado apenas o mais bem ranqueado, que era o atleta Shiozawa (VIRGÍLIO, 2002; NUNES, 2011; GONDIM, 2017).

Funda em sociedade com o mestre Toranosuke Ono, em 1961, a Associação São Paulo Budokan no bairro da Liberdade em São Paulo, onde brotaram diversos judocas que posteriormente desempenharam papéis importantes no judô brasileiro (VIRGÌLIO, 2002). Em 1970, o Instituto Brasileiro de Café, local onde trabalhava, o transferiu de São Paulo para Recife. Nessa nova etapa da vida estava decidido a não mais atuar profissionalmente com o judô (VIRGÌLIO, 2002; GONDIM, 2017).

Sobre o assunto de não mais se envolver com o judô, Nagai, Silvana e Nagai, Sérgio (1998), afirmam que “talvez, fosse até mais fácil afastar-se do Judô permanecendo em São Paulo”. Uma vez que ao chegar em Recife, imediatamente começa a sofrer pressões para retornar ao judô. Acrescentam os autores que “Com todas essas atividades, envolvendo aquilo que tentava aprisionar na sua mente, mas que estava desperto e livre no coração, o professor Nagai sentia que não podia mais escapar ao seu destino”. Sofre pressões de diversos profissionais do judô pernambucano, principalmente do Presidente da Federação Pernambucana de Pugilismo¹⁰, Prof. Williams Arruda. Teve que ceder a essas pressões dando início a uma nova fase no judô, agora no Estado de Pernambuco. (VIRGÌLIO, 2002; GONDIM, 2017).

Segundo Gondim (2017), nessa nova fase abre sua academia em 1971, denominada de “Associação Nagai de Judô” e em 1972, participa da fundação da Federação Pernambucana de Judô, tendo sido presidente por diversos anos. A partir da fundação da Associação Nagai de Judô, aos poucos, agrega grande parte dos maiores competidores e professores renomados judô pernambucano, como também, destaca o autor, a atuação do professor Nagai, como professor nas principais escolas do Recife. Fato este que até hoje ocorre, uma vez que, leciona com Judô infantil em algumas escolas e em sua academia.

A partir das informações que descreve a mudança do professor Nagai de São Paulo para Pernambuco, retratam diversos feitos que provocaram uma revolução no judô do estado. Ficamos interessados em saber se os outros alunos, seus contemporâneos, também conseguiram difundir o judô de Ogawa com qualidade,

¹⁰ Na época, não existia Federação de Judô. Todas as lutas eram subordinadas a Federação de Pugilismo.

um judô que educa, por exemplo? Nagai citou vários nomes de professores bastantes famosos que fizeram parte da academia Ogawa. Cita várias conquistas conseguidas por esses professores, como atletas e na formação de campeões. Evidencia ainda que os primeiros campeões Pan-americano do Brasil (cita quatro nomes) só um não era do Ogawa. Ainda mencionou outros nomes e exemplos de grandes feitos realizados por alunos da Academia Ogawa. Para nós ficou evidenciado a dimensão da importância dessa academia para o desenvolvimento do judô brasileiro.

A seguir fizemos um comentário relacionado a autores que citaram Ogawa como ícone do judô brasileiro por promover o judô próximo aos ideais de Jigoro Kano. Nagai concorda, entretanto acrescenta um comentário que consideramos de extrema lucidez e relevância, por estar intimamente ligada ao contexto da época:

....eu sei que meia dúzia de professores que tinha em São Paulo, para sobreviver tinham que estar sujeito a aceitar desafios, para ganhar dinheiro e isso bagunçou tudo...Isso aí é uma dedução que eu tenho porque por conta desse negócio que havia a necessidade de sobreviver e ganhar dinheiro, o cara desafiava e vamos lá fazia um palco lá o pessoal pagava para assistir e isso aí, o que o professor Ogawa não aceitava de jeito nenhum.

Entendemos que esse período se relacionava a tempos difíceis para os japoneses sobreviverem no Brasil, situação que certamente interferiu profundamente no processo metodológico de alguns professores, por essa razão, ficamos curiosos para sabermos como o professor Ogawa se mantinha economicamente, para se dar ao luxo de não aceitar desafios. O professor Nagai esclareceu que existia muita gente que frequentava a casa do professor Ogawa para fazer massagens com ele, e o filho dele tinha um negócio de farmácia, no mesmo local onde preparava medicamentos.

Percebemos que a competência técnica nesse período era muito valiosa. Hoje por exemplo, o aperfeiçoamento técnico no judô é algo muito importante, realizado muitas vezes através da execução de uma grande quantidade de uchikomi (treino de repetição de técnicas). Por essa razão, perguntamos quais outras competências e qual era o foco de trabalho do judô ensinado por Ogawa? Professor Nagai responde:

e não podia Veja só, eu nunca fiz musculação, ..., uchikomi nunca fiz na minha vida, esse negócio de repetir técnica nunca fiz, meu treinamento era, ele botava assim cinco faixa preta uma hora de luta sair de lá, ..., aí saía os faixas pretas e entrava os marrons e assim era ...

eu fico pensando assim, poxa, pessoal hoje faz uchikomi e corrige o defeito das técnicas, naquela época não, professor Ogawa uma hora de treino e depois parava e falava “fulano, você fez isso assim e errado e foi errado, tem que ser feito desse jeito” e mostrava como era e dizia “agora você vai derrubar ele no treinamento”.

Como vimos a competência técnica ou quaisquer outra (força, tática etc.), era resolvida de forma dinâmica e global dentro da própria atividade. O professor Nagai interrompe e pede para relatar um fato, diz:

Não sei se posso entrar... aconteceu uma cena interessante lá no Ogawa nós saímos pro cinema, quando voltamos o professor falou assim “ninguém vai entrar no quarto agora, quero todo mundo pra cá” na sala dele, aí ele disse “vistoriei o quarto de vocês e encontrei um toco de cigarro e quem fuma vai dizer de quem é” aí tinha que aparecer quem fumou o cigarro. Aí o cara chegou lá e disse que foi ele que fumou o cigarro, não tinha punição mais ele dava uma lição de moral. Aí o cara chegava lá e dizia fui eu que fumei.

Ratificando o nosso comentário anterior em outro momento sobre o regime, que apesar de ser duro, a relação era pautada na honestidade e na confiança o que de certa forma, representava um orgulho fazer parte desse grupo. Acrescentamos o fato que na sua narrativa, ele não separa os aspectos técnicos do moral, tudo está interligado.

Voltando a perguntar, se existia um padrão de treino, primeiro aquecimento, depois ukemi (quedas)... Ele afirma:

Não tinha nada disso já entrava direto. Eu mesmo fico pensando, naquela época não tinha nada disso, não tinha distensão não tinha nada, hoje o pessoal diz tem que aquecer alongar se não machuca. No Ogawa era assim tem que lutar, para aprender a cair tem que levar queda, chega um aluno faixa branca vai lá e derruba ele.

Questionamos ainda o professor Nagai sobre o que existia a mais no ensino do professor Ogawa, que ele considerava contribuir para a educação dos alunos, por exemplo: a disciplina, que ele já havia mencionado, ou se teria mais alguma coisa que gostaria de relatar. Ele diz: “o judô do Ogawa era pura educação, quem entrava lá tinha que sair disciplinado no espírito do judô”. Aí questionamos por que isso não foi reproduzido? Isso se perdeu? O professor Nagai responde: “Eu não sei... se modernizou... é muito difícil dizer, porque eu também ensino totalmente

diferente do que o Ogawa fazia”. Então indagamos como a filosofia do judô era tratada pelo professor Ogawa quando ministrava as aulas, se ele chegava a mencionar o nome de Jigoro Kano, pronunciava frases clássicas do judô, falava sobre filosofia do judô ou algo semelhante? O professor Nagai se reporta a fala anterior quando afirmou que na academia Ogawa tudo era educação, conta com mais detalhes que quando:

Terminava o treino ficava todo mundo sentado de joelhos ouvindo-o contando que judô é isso e aquilo, quase toda aula ele ficava mais ou menos 30 minutos falando, a gente cansava de ouvir, as vezes repeti a mesma coisa, mas sempre ele fez isso. Sobre comportamento, a história do judô, tudo, ele contava da vida dele não parava... você não via ninguém reclamando, e ninguém tinha coragem de reclamar.

Sobre esse assunto Oimatsu (1984), conta que o professor Kano apresentou o método de aprendizagem do judô composto por quatro elementos principais: o Kata (Formas), o Randori (treino livre), o Kogi (palestras) e o Mondo (perguntas e respostas). As palestras podem ser de longas ou curtas duração com o objetivo de entender mais profundamente o judô, questões técnicas e assuntos gerais:

“O conteúdo das palestras abrange a história do desenvolvimento do judô, os fundamentos, o valor do treinamento, o esporte como ciência, a teoria da educação física e outros tópicos. Isso é feito de maneira lógica e sistemática” (OIMATSU 1984).

O autor afirma que se espera que as palestras provoquem uma impressão na mente, por isso é importante que seja equilibrada com o nível de desenvolvimento e sensível ao sentimento dos alunos. Para ele, é difícil alcançar resultado através da educação, por essa razão ele recomenda que os professores tenham em mente o espírito de Jigoro Kano, quando acreditava profundamente que não existia nada maior no mundo que a educação.

É fundamental esclarecer que para Nagai, tudo que viveram na academia Ogawa foi muito importante pois serviu para vida, apesar de as vezes ter sido (ou aparentar) sofrimento. Então, questionamos como poderíamos tratar a filosofia do judô atualmente, se deveríamos fazer igual, por exemplo: ficar no final da aula falando 10 minutos? Prontamente o professor Nagai afirma que “é impossível fazer o mesmo, pois ninguém vai querer ficar mais de dez minutos”. Sendo assim,

insistimos em uma sugestão de como trabalhar essas questões na prática. Então ele diz:

“na prática assim, normalmente no exame de faixa eu converso muito sobre disciplina, comportamento, nota no colégio. Agora aula normal é mais o treino normal e preservar todo aquele comportamento correto dentro do tatame, de cumprimentar etc., no exame de faixa que cobro e falo para os pais “eu estou cobrando isso e quero que os senhores em casa também cobrem”.

Ficou claro para nós que o professor Nagai durante as aulas interpelava os alunos com pequenas falas sobre comportamentos e outros assuntos, mesmo porque, preservar comportamento correto dentro do tatame significa garantir a aplicação dos princípios judoísticos. Entretanto, era no exame de faixas onde isso (as falas) surtiam muito efeito, talvez pelo nível de concentração ou a possibilidade de uma associação do avanço nas faixas, relacionado com o desenvolvimento moral, comportamento, entre outros aspectos. Observamos também que o tratamento igual com os alunos e a relação com os pais são consideradas ações muito importantes no processo de ensino. Professor Nagai comenta:

Rapaz, hoje depois de 50 anos, quantos pais chega para mim e fala “professor Nagai graças ao senhor meu filho...” quantos que eu encontro assim na rua e vem me dizer, “Nagai foi assim, professor Nagai que me botou assim” ..., é muito gratificante.

Inclusive eu chamo a atenção do pessoal que dar aula aqui, eu sou contra isso de botar criança no colo, babação, professor tem que ser igual para todos, se você está botando menino no colo vai ter que colocar todos eles.

Durante todo tempo o professor Nagai não apela ou se coloca em nenhum momento como aquela pessoa que sabe muito sobre o judô tecnicamente falando, o que bastaria isso para justificar a sua importância no judô. Entretanto, para ele os aspectos priorizados estão sempre relacionados ao comportamento, disciplina ao estudo a relação familiar... e em vários momentos ele dizia: “o principal era o comportamento, a disciplina, Ogawa cobrava muito”. Assim como era para o professor Ogawa é para o professor Nagai: o comportamento e a disciplina são focos principais da sua prática pedagógica.

Ponderamos com o professor Nagai o fato de ser brasileiro filho de japoneses legítimos e por essa razão transitava pelas duas culturas com fluidez e tranquilidade, que lhe permitiu compreender com muita clareza os ensinamentos do Professor Ogawa. Professor Nagai interrompe e afirma:

“Justamente, por que o professor Ogawa não sabia transmitir aquilo, tanto é que ele dizia assim: “eu prefiro dar aula para filhos de japonês do que dar para os filhos de brasileiros por que eu tenho dificuldade de transmitir o verdadeiro judô para eles, e se eu disser um negócio para brasileiro de uma maneira errada, ele vai divulgar isso errado”.

É preciso compreender a importância para o professor Ogawa de ser bem compreendido, uma vez que, a falta de uma compreensão adequada (por causa da dificuldade linguística e ou diferenças culturais) implicaria em uma aprendizagem do judô deficiente.

Sendo assim, questionamos quais os filtros necessários provenientes das diferenças culturais que possibilitou o judô ser bem explicado e bem aceito pelos brasileiros? O que mudou de Ogawa para Nagai? O professor Nagai afirmou que tinha o entendimento de que ao chegar em Pernambuco não poderia aplicar o mesmo método do professor Ogawa porque ele não teria alunos, por essa razão, teve que ceder em certos aspectos para poder desenvolver um judô de qualidade. Segundo ele, diminuiu a rigidez da disciplina, sem abandoná-la, por considerar que era um dos elementos essenciais. Tentando exemplificar uma das mudanças implementadas descreve:

Eu tirei aquela parte rígida, inclusive no judô não tinha recreação para criança, aula lúdica, não tinha esse tipo de treinamento, então começamos a adotar isso aí, inclusive na luta de judô a gente cria o sumô, uma brincadeira de sumô, dentre outras brincadeiras. Hoje muitos professores fazem isso nas academias.

A quebra da rigidez e a introdução de brincadeiras no judô pernambucano foram itens essenciais para uma nova prática, possibilitando uma boa aceitação e a garantia da qualidade. Insistimos em identificar com mais clareza, quais os elementos provenientes do prof. Ogawa que o professor Nagai poderia elencar que serviram como referência básica (Lastro) para a sua prática pedagógica? Ou seja, precisou mudar a forma de se relacionar com os alunos, a forma de organizar as aulas, mas, gostaríamos de saber, o que é que tinha no Ogawa que o senhor disse: “não, isso aqui eu não posso abrir mão! ”?

A parte da disciplina, o comportamento dentro da academia. Não mandar limpar tatame, lavar banheiro isso aí já não, se eu fizesse isso aí o pai vai dizer “o meu filho paga mensalidade para poder treinar.” A mentalidade já é diferente.

Muitos alunos aqui, inclusive, eu suspendi, expulsei, mas isso é tudo questão de minoria, tinha minoria que falsificou documentos, que não obedeceu a ordem do

treinamento ou na hora do treinamento estava na farrá. Essas coisas aconteceram.

Mais uma vez a disciplina e o comportamento são citados, apesar de em algumas vezes ter sido necessário tomar medidas mais duras para garantir a prática do judô com qualidades. Imaginamos que talvez seja por isso que o professor Nagai seja considerado um divisor de águas na sistematização e organização do judô no Estado, onde brotaram diversos judocas que vieram a desempenhar importantes papéis no judô pernambucano e brasileiro. O professor comenta que tentou ajustar o judô que era muito bagunçado. Questionamos o que mudou concretamente no judô de Pernambuco com a sua chegada? O professor Nagai afirma que de uma forma geral foi a organização de campeonatos, preparação para faixas pretas (não existia exame de faixa no estado), segundo ele, existiam muitas faixas pretas que não tinham conhecimento para tal, ninguém sabia fazer Kata (forma da essência das técnicas do judô), além disso, existiam brigas constantes entre os professores.

4.3. NAGAI: DEPOIMENTOS DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA COM CARACTERÍSTICAS DE UMA METODOLOGIA CRÍTICA

Além da entrevista realizada com o Prof. Nagai, causa principal da investigação, pesquisamos alguns registros documentados em diversas fontes que puderam abonar sobre a qualidade da sua intervenção pedagógica a partir das falas que retratam sentimentos, lembranças e impactos nas vidas das pessoas, além de um comportamento que não se afasta, sob nenhuma hipótese, da moral e da ética.

Como primeiro registro trazemos o depoimento de Ramos (2018), que é uma jovem com um currículo bastante volumoso na área do Direito, Doutora em Ciências Jurídico-Políticas pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, Graduada e Mestre em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco, dentre outras conquistas é Professora Universitária e Procuradora Federal, desde 2009.

Ela realizou uma gravação de um pequeno vídeo com o propósito de agradecer a sua relação com o prof. Nagai através do judô que, segundo ela, impactou profundamente a sua vida. Intitula o vídeo por ela produzido de: Judô - Os valores do esporte e sua importância para educação moral (Tadao Nagai). Começa relatando que foi através do judô que ela saiu do interior e começou a viajar pelo

Brasil. Conta que Nagai foi seu professor, fez seus exames de faixas e quando chegou ao Recife foi com sua ajuda que conseguiu uma bolsa de estudos em uma importante escola. Ela relata:

Um dos valores que eu mais aprendi com o judô, além da honra, do respeito etc., é a gratidão, e eu tenho uma enorme gratidão pelo Sensei e também um grande respeito. Aí tive a oportunidade de vim almoçar com ele hoje aqui em Recife e pedi pra ele falar uma palavrinha para gente sobre os valores do judô, o que é que a gente aprende o que é que o senhor tenta passar para seus alunos, que até hoje Sensei Nagai dá aulas nos colégios aí para crianças. O que é que o judô ajuda na formação com os valores etc.

O professor Nagai agradece a lembrança e comenta a satisfação de poder ter colaborado com o sucesso de Chiara (primeiro nome da autora), e fala: “o resultado está aí, Chiara lá em cima!” Fala que permanentemente trabalhou para o judô, compreendendo o judô como um esporte educativo, por essa razão sempre cobrou dos alunos o comportamento, nota do colégio... comenta que eventualmente o pai perguntava “Professor o que é tem a ver nota do colégio para o judô?” E ele respondia “não sou professor de judô, eu sou educador” e fala que é assim que tem sido seu trabalho desenvolvendo judô.

Chiara se recorda de vários colegas na cidade de Palmares que ficavam chateados porque não podiam fazer o exame por estarem com notas baixas e ressalta que o professor Nagai constantemente cobrava em suas aulas comportamento e estudo. Ela fala também da diferença percebida em outros ambientes que foi vivenciar o judô, como sendo:

...totalmente diferente, eu até digo a alguns amigos meus de outros estados que eu fui morar e que eu tentei treinar, eu não consigo treinar em qualquer academia, porque quando eu vejo falta de disciplina, pessoas com faixas no pescoço, saindo descalços do tatame, eu sempre lembro do professor Nagai sempre com muita disciplina.

O professor Nagai aproveita para comentar que muitos professores cobram dos alunos somente vitórias e resultados, ele afirma que: “o principal é o comportamento e a formação da pessoa, o resultado é consequência de um trabalho bem feito. A gente considera o judô como uma escola de formação moral”.

Sobre o vídeo, comentamos com o professor Nagai que a autora fala sobre os valores que mais aprendeu com o judô, além da honra, do respeito, aprendeu também a gratidão. Quando ela afirma que tem uma enorme gratidão pelo senhor,

percebe-se pela sua fala que a vida dela foi bastante impactada com essa relação através do judô. O professor Nagai comenta que “ela tinha algumas dificuldades e quando veio para o Recife, eu consegui uma bolsa em um colégio muito importante, isso aí ficou muito marcado para ela”. Daí nós perguntamos como se sentiu ao ouvir uma declaração como essa, onde a honra, o respeito e a gratidão aparecem como valores principais aprendidos e que provocam mudanças significativas da vida de uma pessoa? O professor Nagai afirma que “é muito gratificante, porque já tive muitas pessoas que passaram por mim, a exemplo de Chiara, e hoje são ou foram pessoas destacadas na sociedade”. Então perguntamos se ele acredita realmente que esses são valores poderosos? Ele afirma que sim, e diz que tem sentido que esses valores têm contribuído com mudanças na vida de muitos que o procuraram. Acrescenta: “tem muitos que reconhecem e outros não, a maioria não!” Fala com certa inquietação desses que não percebem da sua importância e a importância do ambiente judoístico na sua formação, mas para ele o que importa é o sentimento de fazer a coisa certa.

Querendo saber como esses valores aparecem no cotidiano da sua prática, citamos como exemplo, o fato que ele não iria ficar dando aulas dizendo que tem que ter honra, tem que ter isso e tem que ter aquilo. O professor Nagai afirma que é “o próprio exemplo do professor, eu acho que é isso, o exemplo do professor, minha forma de ser transmite para os alunos como deve ser o comportamento no judô. Se fazer entender é obrigação e mérito do professor”. Para o professor Nagai a forma de ser é fundamental para se fazer entender.

Na procura de mais registro que pudessem demonstrar comentários e impressões de pessoas que tiveram relações com o professor Nagai através do judô, encontramos uma postagem sobre ele em um blog intitulado “Judô Pernambucano”, de autoria de Pietro Garcia (possivelmente ex-aluno ou pai de ex-aluno do prof. Nagai). O blog apresenta em um primeiro momento uma fala do próprio prof. Nagai, sobre o quanto é importante as pessoas perseguirem seus objetivos, assim sendo, para Tadao Nagai:

Toda pessoa deve procurar realizar o que almeja. Falta de tempo não é desculpa, é falta de determinação em alcançar o que quer. As conquistas pessoais adquiridas com sacrifício, apesar de desgastarem o indivíduo na sua forma física e

mental, quando são atingidas, serão mais valorizadas por quem as conquistou. Perseverança é sem dúvida, uma palavra digna da pessoa. Tadao Nagai. (NAGAI, 1998, Comunicação pessoal).

Posteriormente, cita algumas palavras elogiosas e promete trazer uma entrevista com Nagai em outro momento, em seguida adiciona um pouco do currículo e finaliza afirmando: “é pela falta de espaço, que não estamos falando dos inúmeros campeões que foram treinados pelo Mestre Nagai, que é acima de tudo um formador de campeões.” (GARCIA, 2007).

Em seguida, uma mãe de uma judoca parabeniza a postagem no blog de Pietro pela iniciativa, afirmando que “é uma honra para nós que participamos do judô em Pernambuco e no Brasil, porque, NAGAI é fundamental para o conhecimento e o aprendizado do que é realmente judô”. Acrescenta ainda, que tudo que sua filha aprendeu para ser uma atleta foi com o professor Nagai tais como: “perseverança, humildade, garra, respeito com seu oponente, técnica, honestidade, e acima de tudo vontade de vencer e nunca desistir quando aparecer obstáculos”.

Nos reportando inicialmente a fala do professor Nagai, quando aconselha que uma pessoa deva procurar realizar o que almeja e cita a perseverança e a determinação como valores muito importantes, valores esses, citados por uma mãe ao afirmar que sua filha aprendeu com o professor Nagai. Perguntamos, qual a relação desses valores com o judô? Então Nagai assegura que tem tudo a ver. Exemplifica que muitas vezes o aluno comenta “ah, eu não vou com tal pra ganhar; não estou disposto a competir, eu não quero competir ou eu tenho medo de fulano, isso aí a gente tem que superar”. Ele afirma que esses tipos de comportamentos ele combate muito, e que a prática do judô de forma adequada ajuda bastante a superar esses obstáculos que para ele são semelhantes aos empecilhos da vida.

Ainda sobre as afirmações da mãe, acerca dos valores aprendidos por sua filha, ela faz uma relação das qualidades necessárias para ser atleta com as qualidades necessárias para a vida em sociedade, uma vez que esses valores são considerados importantes e necessários por todos nós. Sendo assim, quando ela afirma que é uma honra apreciar a postagem e quando o responsabiliza pelos valores apreendidos por sua filha através do judô, ela está afirmando que o judô praticado pelo senhor contribui fortemente na formação dos seus praticantes.

Assim como em Chiara, como se sente em ver uma mãe atribuindo ao senhor e ao judô a transmissão de tantos valores? Esses valores são passados da mesma forma que no caso Chiara? Professor Nagai diz: “Tem um negócio que eu sempre falo, muitas vezes o professor diz assim: faça o que eu falo, mas não faça o que eu faço! Para mim isso não serve!” Mais uma vez o professor Nagai defende o próprio comportamento moral do professor como componente essencial para educar, não adianta bons discursos se o exemplo for fraco.

Nos reportamos em seguida sobre o comentário proferido por Nagai, Silvana e Nagai, Sérgio (1998), com a frase, “talvez, fosse até mais fácil afastar-se do Judô permanecendo em São Paulo”. Concebemos que a frase foi potencializada pelo o quanto tinha a ser feito pelo o judô agora em Recife e o professor Nagai acreditando profundamente no judô não poderia se furtar a essa tarefa. Para tanto, segundo Nagai, Silvana e Nagai, Sérgio (1998):

Prof. Nagai impôs, com seus métodos uma nova ordem nesse esporte. Os procedimentos em relação à disciplina, à pedagogia, às técnicas, mesmo em relação à parte física, foram quase que radicalmente alterados, foram introduzidos, de alguma forma, muito da filosofia e do espírito do judô. (NAGAI, Silvana; NAGAI, Sérgio, 1998).

Os autores relatam ainda que na visão do professor Nagai, o Judô é um esporte que visa o aprimoramento integral do aluno e por essa razão ele afirma que “para Jigoro Kano o mais importante em uma competição não é a vitória (vencer sempre), mas o aprendizado que o aluno absorveu durante o seu aprimoramento no judô”. No seu entendimento, a disciplina, respeito mútuo com os companheiros e conseqüentemente o rendimento durante o seu treinamento e nas competições, são os elementos essenciais para a educação global. (NAGAI, Silvana; NAGAI, Sérgio, 1998).

A sua história dentre outras coisas nos permite ajuizar sobre alguns elementos necessários para uma prática pedagógica de qualidade, ou seja, de certa forma nós entendemos como se dá essa prática de qualidade, através de tudo que foi falado. Sendo assim, Nagai, Silvana e Nagai, Sérgio (1998), afirmaram que o senhor ao chegar em Pernambuco, impôs com seus métodos uma nova ordem para o judô. Tudo foi radicalmente afetado, principalmente no que se refere à filosofia e o espírito do judô. Professor Nagai interrompe e comenta:

“Havia muitas decisões na arbitragem desonestas, tentando puxar para si... Tanto é que tinha muita briga entre professores por conta disso, resultado de competição, o professor reclamava e havia aquele bate boca. Depois que cheguei aqui, como minha graduação era mais alta tanto é que começaram a me respeitar e aí nós iniciamos a aplicar o método do verdadeiro judô”.

Os autores acrescentam que para o senhor o verdadeiro campeão no judô tem que ter a compreensão que o judô não tem como filosofia criar “valentões, donos da verdade, mais sim homens humildes capazes de enfrentarem de maneira mais fácil os obstáculos que ocorrerão no decorrer da vida”. (Nagai, 1998. Apud NAGAI, Silvana; NAGAI, Sérgio, 1998). Sobre esse comentário, o professor Nagai acrescenta:

É porque eu sempre, inclusive no consulado quando eu recebi aquela homenagem, eu citei que o principal que o judô faz a pessoa é aperfeiçoar por meio de judô é mais ou menos nesse sentido, isso aí eu aprendi com o professor Ogawa e falei lá no consulado e venho mantendo isso e cobro dos alunos.

A homenagem a qual está se referindo, foi uma cerimônia realizada no dia 5 de fevereiro de 2019, pelo Cônsul-Geral Maruhashi que realizou em sua residência oficial a Cerimônia de entrega da COMENDA ORDEM DO SOL NASCENTE, RAIOS DE OURO E PRATA, DO TRIGÉSIMO ANO DA ERA HEISEI, quando o professor Tadao Nagai foi homenageado. Segundo o Cônsul (2019), o prof. Nagai recebeu essa comenda pela imensa divulgação da cultura japonesa enquanto esteve à frente da Associação Cultural Japonesa do Recife como presidente e principalmente estreitou as relações entre o Japão e o Brasil a partir do Judô, o qual recebeu o título de Comendador.

Sobre a homenagem o professor Nagai comenta: “agora, por exemplo, eu recebi essa homenagem do consulado do Japão em reconhecimento a todo o meu trabalho, eu sinto que eu fiz alguma coisa pelo judô, eu fiz para o crescimento do judô”.

Depois de uma honraria dessas recebida pelo Consulado Japonês, ouvir o Professor Nagai dizer “eu sinto que eu fiz alguma coisa pelo judô”, retrata de certa forma o seu caráter e sua personalidade que com tamanha simplicidade sente que fez alguma coisa, entretanto, sabemos que fez muito. Entender que o judô aperfeiçoa a pessoa e trabalhar a vida toda com esse propósito é sem dúvida ser mais.

Veremos agora vários depoimentos de alunos, ex-alunos, pais de alunos, dirigentes ou coordenadores das escolas onde o professor Nagai trabalhou, ou ainda trabalha. Entretanto, foram pinçadas partes dos depoimentos que consideramos mais importantes para a nossa investigação. Para tanto dividiremos os depoimentos em três grupos. O primeiro grupo dos pais de alunos, o segundo de alunos ou ex-alunos e o terceiro grupo composto pelos coordenadores e diretores das escolas por onde o professor Nagai passou. Nagai, Silvana e Nagai, Sérgio (1998). Depoimentos de pais de alunos da associação Nagai.

1º Depoimento:

O professor Tadao Nagai é um homem simples, tranquilo, discreto nas atitudes, mas enérgico e respeitado na sua postura ética, ... É acima de tudo, um grande mestre das artes marciais, cuja a liderança entre seus atletas transmite espontaneamente todos os nobres princípios do Judô.

O principal espelho de sua vida, a Associação Nagai, que reflete, sem sombra de dúvidas, a sua maneira de ser. Mesmo aqueles que veem como um grande oponente, um obstáculo às suas pretensões de vitória reconhecerá que a Associação Nagai não é um terrível inimigo a ser vencido, mas apenas um adversário valoroso que somente dá brilho as competições de judô, sendo, portanto, muito mais um parceiro de todos que um mero rival a impedir-lhes as conquistas. (Pai de aluno da associação Nagai).

2º Depoimento:

Como mãe, tenho consciência do importante papel que desempenha o professor Nagai na formação educacional dos meus filhos, sua preocupação como mestre e amigo, com a orientação, na formação da personalidade de seus atletas.

O grande valor que destaco no seu caráter é a capacidade de ser HUMILDE, qualidade somente vista, em pessoas que tem habilidade de encarar a vida de uma forma sadia, equilibrada e objetiva. (Mãe de aluno da associação Nagai).

3º Depoimento:

Falar sobre Tadao Nagai é tarefa muito difícil, em virtude de tantas qualidades que ele tem. Como mãe só tenho que agradecer por tudo que ele tem feito pelo meu filho.

Por suas lições de humildade, honestidade, perseverança e disciplina. Coisas que ele sabe como ninguém transmitir a seus atletas, que mais parecem seus filhos, tamanho o respeito, a admiração e o amor que eles têm por ele. (Mãe de aluno da associação Nagai).

Podemos observar nos depoimentos dos pais de alunos que as qualidades relatadas partem da ética para a humildade, honestidade e o rigor sem deixar de ser amoroso. Por essas qualidades é muito respeitado, por deixar claro que sua

conduta sem ser extravagante e sim muito discreta não diverge nem se afasta do seu maior propósito como mestre valoroso que é. Ficou claro que para os pais o professor Nagai é reconhecidamente um verdadeiro educador, que na época desempenhou um papel importantíssimo na formação de seus filhos.

Passemos agora para o segundo grupo, composto pelos ex-alunos do professor Nagai. Nagai, Silvana e Nagai, Sérgio (1998). Depoimentos de alunos ou ex-alunos do professor Nagai.

1º Depoimento:

Homem sábio, na arte do ensino do Judô, contribuindo assim para a formação de centenas de homens e mulheres, no aspecto moral.

Particularmente, eu, como aluno desde os 4 (quatro) anos de idade, tenho o maior respeito e admiração, pelo Sensei Tadao Nagai, como exemplo de: moral, caráter, dignidade e pelo prazer do mesmo em transmitir toda a sua sabedoria ao seu semelhante. (Aluno da associação Nagai).

2º Depoimento:

Falar do NAGAI tecnicamente não acho muito necessário, pois todos sabem do seu potencial e conhecimento técnico, basta citar das vezes que competindo pelo Brasil tive vários momentos de satisfação pessoal por ser seu aluno, pois só pelo fato de portar o seu escudo no meu JUDOGI era motivo para que os grandes nomes do judô brasileiro me interpelasse para elogia-lo, o que me enchia de orgulho e ao mesmo tempo de preocupação por não ter um Judô a altura da referência de seu nome.

Prefiro falar do NAGAI que com tamanha simplicidade conseguia desenvolver um Judô como de fato o Judô deve ser, com companheirismo, solidariedade e amizade. De um professor que foi sempre amigo e algumas vezes não para poucos, até mesmo pai. (Ex-aluno, da Associação Nagai, na ocasião do depoimento professor renomado do Estado de Pernambuco).

Observamos que seus ex-alunos percebem o professor Nagai como uma pessoa com grandes qualidades nos aspectos moral, caráter e dignidade acrescido do prazer em transmitir não alguma, mas toda a sua sabedoria. É importante refletirmos que encher de orgulho/preocupação é um sentimento de querer ser mais, parece ser a busca do aperfeiçoamento que o professor Nagai se refere. Não é a busca da técnica... é muito mais que isso!

Agora chegamos ao terceiro grupo, composto pelos coordenadores e diretores das escolas por onde o professor Nagai passou. Nagai, Silvana e Nagai, Sérgio (1998). Depoimentos dos coordenadores e diretores das escolas.

1º Depoimento:

Fala da facilidade de formar campeões, mas no texto os elementos mais valorizados, “encontra-se a índole de um ser inquestionavelmente integro merecedor de todo nosso respeito e consideração”. (Diretor Administrativo de um Colégio).

2º Depoimento:

Demonstrou total dedicação, carinho, respeito e senso profissionalismo invejável marca da sua personalidade. Nome que representa o judô do Estado de Pernambuco. (Coordenador de Educação Física e Esportes).

3º Depoimento:

Ao longo desses anos demonstrou sempre competência profissional, zelo e dedicação aos seus alunos. Foi sempre incentivador e educador zeloso doado à missão que através do esporte, particularmente o Judô tem passado para os alunos belas lições para enfrentar as “lutas” da vida.

O espírito de responsabilidade e sua fidelidade no cumprimento do dever têm sido sua marca registrada como professor-educador.

O Prof. Nagai, além do seu profissionalismo, revela, pelas suas atitudes, uma grande figura humana, merecedora da nossa admiração. (Diretor de uma Escola).

O terceiro grupo composto pelos coordenadores e diretores das escolas por onde o professor Nagai passou, é sem dúvida um grupo bastante esclarecedor, porque o olhar não é afetivo e sim baseado no comportamento profissional. Tem a ver com compromisso, integridade, respeito e outras qualidades que por pressuposto não dependem de laços afetivos e sim de uma conduta profissional ilibada. Nesse caso o professor Nagai demonstrou sempre segundo os depoimentos ser merecedor de elogios referente a sua conduta, que se assemelha ao seu principal discurso e seu comportamento pessoal que é o exemplo de como deve ser professor de judô.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação com estudo sobre metodologia para uma prática do judô que pudesse contribuir com a formação dos seus praticantes sempre esteve presente nos nossos objetivos, portanto quando surgiu a oportunidade da realização de uma tese, a metodologia crítica, imediatamente mostrou-se para nós como foco central de uma pesquisa com o principal objetivo: a análise dos fundamentos históricos-filosóficos-pedagógicos como contribuição teórico-metodológica para uma metodologia crítica no judô. Para tanto, elaboramos a seguinte Tese: **O judô é uma luta que se configura numa efervescência cultural e política, portanto a materialização de uma metodologia crítica para o ensino dessa luta na prática pedagógica, parte da interlocução de seus fundamentos históricos-filosóficos-pedagógicos.** Para dar conta da tese precisaríamos realizar essa interlocução com os fundamentos histórico-filosóficos-pedagógicos do judô a partir da sua origem, como também, compreender as manifestações metodológicas do judô interpretadas na realidade brasileira, identificando elementos norteadores para a materialização da metodologia crítica como também a trajetória percorrida pelo judô com base numa metodologia crítica na realidade brasileira a partir dos fundamentos históricos-filosóficos-pedagógicos.

Pela complexidade do estudo imaginávamos com certa convicção que a partir do professor Nagai seria possível dar conta da Tese, ou seja, empiricamente poderíamos visualizar o diálogo dos fundamentos históricos e filosóficos com os fundamentos pedagógicos, materializado em uma metodologia crítica para o judô. A justificativa para essas assertivas são os fatos de o Professor Ogawa ter sido contemporâneo do professor Jigoro Kano e ser um mestre considerável já no Japão. Conforme exposto anteriormente, fez demonstração de judô no Palácio Imperial, na presença do Mestre Jigoro Kano. No Brasil O Professor Ogawa se tornou um dos mestres mais importantes do judô brasileiro, foi inclusive professor da maioria dos mestres que tiveram destaque no judô brasileiro. Como sabemos o professor Nagai foi seu aluno e morou com Ogawa por treze anos, em uma relação intensa, tendo a oportunidade de absorver toda a essência judoística do Professor. Pudemos ratificar

ao final do estudo que as nossas hipóteses foram plenamente atendidas com o professor Nagai.

Diante disso, podemos adiantar agora a demonstração dos achados na pesquisa, embora entendemos que muitos elementos já foram expostos e comentados ao longo do texto, por essa razão esse momento tem como característica principal consubstanciar os achados de forma condensada para facilitar ao leitor a reflexão e a compreensão.

O APRENDIZADO: ACADEMIA OGAWA

Pelo que pudemos observar ao longo da pesquisa, a experiência vivida pelo professor Nagai na academia Ogawa representou lições de vida importantíssimas, sendo decisivas e repletas de momentos ricos em exemplos educacionais que irão impactar profundamente na sua vida e na sua prática pedagógica. Como disse o professor Nagai: “no Ogawa tudo era educação”, da rotina diária, onde todos os internos limpavam as instalações, até os treinos que eram estritamente rigorosos, ficou demonstrado que o ambiente na Academia Ogawa era fundamentado nas categorias, honestidade e a confiança, imprescindíveis para uma convivência equilibrada na sociedade.

Diversos exemplos poderão ser relatados a começar pela necessidade de obter algum item, como por exemplo um caderno, uma escova... o dinheiro era disponibilizado e o controle era bastante simples pautado puramente nos valores citados acima. Ficou ainda bastante evidenciado que falar a verdade sempre foi uma condição primária das relações pessoais na casa do professor Ogawa. Quanto aos treinos, relembramos a fala do professor Nagai quando diz: “o judô do Ogawa era pura educação, quem entrava lá tinha que sair disciplinado no espírito do judô”. Os treinos eram longos, bastantes rigorosos, mantinha a lógica de convivência da casa, se primava pela execução correta das técnicas e era condição prioritária o comportamento do professor e dos alunos. Ao final de cada treino havia uma longa palestra sobre assuntos relacionados ao significado do judô, comportamento do judoca, histórias de vida do professor Ogawa e diversas amostras associadas à educação. Como exemplo de comportamento Nagai citou a experiência do professor Ogawa com o grupo do ju kendô, que segundo ele foi um desastre

justamente por causa de comportamentos inadequados dos professores. Fato este que levou ao afastamento do professor Ogawa do grupo e o isolamento da sua academia mais ou menos por cinco anos.

Ficou patente o orgulho que o professor Nagai sente de ter feito parte desse grupo. Observamos também que sair disciplinado no espírito do judô significa para ele, se transformar em um ser humano cada vez melhor.

O ENSINO: AGORA EM RECIFE

Achamos interessante perceber que por causa do envolvimento do Nagai com o judô em São Paulo, a vinda para Recife parecia para ele e a família a grande oportunidade para se afastar do judô, uma vez que, em São Paulo o seu envolvimento não deixava tempo para a atenção adequada a família. O fato é que com a sua chegada ao Recife, o professor Nagai começa a sofrer pressões para retornar ao judô e ele não pôde escapar ao seu destino. Passa a atuar em Pernambuco com o judô, inicialmente participando da fundação da Federação Pernambucana, contribuindo, com a moralização, organização, desenvolvimento e a realização do primeiro exame de faixas pretas, dentre outras intervenções. Funda a Associação Nagai e passa também a ensinar judô em diversas escolas no Recife, situação que ocorre até os dias atuais. Quanto ao ensino desenvolvido pelo professor Nagai ele explica que mudou, uma vez que ensina totalmente diferente do professor Ogawa. Perguntado por que isso não foi reproduzido ele explica que se modernizou, deixando claro que se tentasse reproduzir o mesmo modelo não teria sucesso. Afirma que mudou completamente a forma de ministrar suas aulas, por que se encontra em outro tempo, ao mesmo tempo que não abre mão do essencial (o comportamento correto), mas precisou se modernizar, conseqüentemente modernizou o judô. Inseriu brincadeiras, joguinhos competitivos, flexibilizou regras, buscou novas estratégias para resolver questões que ele considera importante, como envolver os pais no processo.

Entretanto, explica que na prática pedagógica procura preservar o comportamento correto dentro do tatame, o que para nós significa garantir a aplicação dos princípios judoístco que estão relacionados ao desenvolvimento moral, comportamento na academia, na família, no social, notas escolares dentre

outras coisas. Percebemos também, que para ele o tratamento igualitário com os alunos e a relação com os pais são consideradas ações muito importantes no processo de ensino (na academia Ogawa não existia a participação dos pais). Comenta ainda que flexibilizou o treinamento tirando a parte rígida e acrescenta brincadeiras coisas que segundo ele, não existia no judô. No entanto explica que não abriu mão do comportamento e da disciplina.

Acrescentamos o fato que em nenhum momento ele separa os aspectos técnicos do moral e éticos, tudo está interligado. Comenta que muitos professores cobram dos alunos somente vitórias, resultados e afirma: “o principal é o comportamento e a formação da pessoa, o resultado é consequência de um trabalho bem feito.” De acordo com o professor Nagai, o exemplo **do professor** é essencial para transmitir para os alunos como deve ser o comportamento no judô. Como ele diz; “Se fazer entender é obrigação e mérito do professor”. O exemplo é crucial, essa história de dizer “faça o que eu falo, mas não faça o que eu faço” para ele não serve.

Outro assunto, comentado por Nagai é quando alguns alunos expressam o sentimento de medo, pavor que muitas vezes dificulta ou impedem que eles enfrentem situações que exige confronto, como exame de faixas, demonstrações, competições, ou seja, o medo do resultado assume proporções gigantescas. Sobre esse tipo comportamento o professor Nagai diz: “isso a gente tem que superar!” Ele afirma que esses tipos de comportamentos ele combate muito, e que a prática do judô de forma adequada ajuda bastante na superação desses obstáculos que para ele são semelhantes aos empecilhos e obstáculos da vida, que são muitos. Sobre esse assunto Carvalho (2003), ratifica que se o judô é o “caminho da vida” então o fim não é vencer, o mais importante é aprender a enfrentar. Como diz Nagai a prática do judô de forma adequada ajuda a superar aos empecilhos e obstáculos da vida. É preciso ter clareza que esses obstáculos são muitos e por toda vida e isso é muito importante principalmente para o professor, porque se o aluno não aprende a enfrentar, aprenderá a se acovardar e isso também é para toda vida.

Por isso o professor Nagai afirma que o judô não tem como filosofia criar “valentões”, esse não é o foco e sim aprender a “enfrentar” sem arrogância os obstáculos da vida. Comenta que ao receber uma homenagem no Consulado

Japonês (recebeu o título de Comendador) ele citou que o principal que o judô faz é aperfeiçoar a pessoa. Ele afirma que esse entendimento é uma das heranças que ele aprendeu com o professor Ogawa e que mantém e cobra dos alunos até hoje.

DEPOIMENTOS DE PESSOAS

O primeiro depoimento é o vídeo intitulado: Judô - Os valores do esporte e sua importância para educação moral (Tadao Nagai). A autora fala dos valores que aprendeu com o judô através do professor Nagai e que impactaram a sua vida: a honra, o respeito e a gratidão. Em outro momento, uma mãe de uma judoca escreve em um blog, afirmando que “é uma honra para nós que participamos do judô em Pernambuco e no Brasil, porque, NAGAI é fundamental para o conhecimento e o aprendizado do que é realmente judô”, para ela tudo que sua filha aprendeu foi com o professor Nagai e cita as seguintes categorias: perseverança, humildade, garra, respeito com seu oponente, técnica, honestidade, vontade de vencer e nunca desistir com os obstáculos.

Depois outros pais citam qualidades tais como ser um homem simples, tranquilo, discreto, enérgico, respeitado e ético. Reportam o importante papel na formação educacional dos seus filhos, o caráter e a capacidade de ser humilde, honesto, perseverante e disciplinado. Os ex-alunos do professor Nagai falam do respeito, admiração, exemplo de moral, caráter, simplicidade e dignidade. Desenvolveu um judô como o judô deve ser, com companheirismo, solidariedade e amizade.

Por fim, os profissionais das escolas falam da sua capacidade de ser inquestionavelmente íntegro, merecedor de todo respeito e consideração. Demonstrou total dedicação, carinho, respeito e senso de profissionalismo invejável. Outros dizem que demonstrou sempre competência profissional, zelo e dedicação. Foi sempre incentivador e educador zeloso, tem passado para os alunos belas lições para enfrentar as “lutas” da vida”. O espírito de responsabilidade e fidelidade no cumprimento do dever têm sido sua marca registrada como professor-educador. Revela, pelas suas atitudes, uma grande figura humana, merecedora da nossa admiração.

Quando visualizamos tantos valores afirmados para uma pessoa que exerce a função de professor, nos leva a creditar a essa pessoa no mínimo que se trata de um ser humano extraordinário. O certo é que podemos observar o quanto foi e é intenso o seu envolvimento e suas contribuições para o judô, nos levando a acreditar que suas ações coadunam com os verdadeiros preceitos de Jigoro Kano, sendo importante salientar que não por se tratar da quantidade de intervenções pedagógicas e das ações em prol do judô pernambucano e brasileiro realizadas pelo prof. Nagai, que como sabemos são imensas. Na verdade, trata-se principalmente da qualidade das ações e das intervenções, nos leva a crer que estão carregadas de comportamentos que remete a uma prática pedagógica crítica, fundamentada em Freire (1980), educar criticamente é tomar posse da realidade o mais criticamente possível acreditando, poder transformá-la. Como disse Oimatsu (1984), é preciso ter em mente o espírito de Jigoro Kano, para ele “não há nada maior no céu do que a educação. A virtude de um se espalha para muitos; na educação real continua por centenas de anos”. (KANO apud OIMATSU 1984).

Entendemos, tal qual apontamos anteriormente, que os elementos pedagógicos do Judô e sua gênese epistemológica, pode, e deve, ressignificar as diferentes vivências, práticas e formação pedagógica sob diferentes contextos e espaços. A docência, para além dos conteúdos, é uma busca incessante voltada para uma formação global. Torna-se improvável uma ação pedagógica pautada unicamente numa reprodução mecânica, quer seja no judô ou em qualquer outra atividade de cunho educacional.

É muito importante registrar mais uma vez que o Professor Nagai em nenhum momento coloca os aspectos técnicos separados dos valores morais e éticos. Para ele assim como para Jigoro Kano e Ogawa o que importa é o comportamento e a formação da pessoa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, O. R. B. P.; FROTA, P. R. D. O. Educação Física Em Questão: Resgate Histórico E Evolução Conceitual. n. 2005, p. 1–19, 2012.

ARCHANJO, F. M. A História das lutas corporais: contribuições epistemológicas para Educação Física. história e epistemologia do judô, 2005.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: edições 70, 1988.

CALLEJA, Carlos Catallano. *Caderno técnico didático: judô*. Brasília: MEC, 1989.

CORREIA, W. R.; FRANCHINI, E. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. Motriz. Revista de Educacao Fisica, v. 16, n. 1, p. 1–9, 2010.

CARVALHO, Francisco Mauri de. O judô: ética e educação: em busca dos princípios perdidos / Mauri de Carvalho. Vitória: EDUFES, 2007.

CARVALHO, Mauri. Competição ou cooperação. Judobrasil, 2003. Disponível em: www.judobrasil.com.br. Acesso em: 11 julho de 2019.

CORDEIRO JÚNIOR, Orozimbo; FERREIRA, Marcelo Guina; RODRIGUES, Aegleyce T. Evolução Sócio-Histórica do Judô: Primeiras Aproximações. Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v. 10, nº 1, p. 13-21, 1999.

ELIAS, N., e E. DUNNING. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FERRY, Luc. APRENDER A VIVER [recurso eletrônico]: Filosofia para os novos tempos / Luc Ferry; Tradução Vera Lucia dos Reis. – Rio de Janeiro: objetiva, 2012.

FRANCHINI, Emerson & Del Vecchio, Fabricio. (2007). Franchini, E.; Del'Vechio, FB. Tradição e modernidade no judô: histórico e implicações In: Rubio, K. et al (eds). Ética e compromisso social nos Estudos Olímpicos. Porto Alegre: Editora Puc-RS, 2007. p. 121-145.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. *Paidéia*, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3.ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980

_____. *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. S. Paulo: Editora Paz e Terra, 2000

FREITAS, Armando, e Silvia VIEIRA. *O que é Judô*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

FROSI, Tiago Oviedo, e Alberto de Oliveira MONTEIRO. “Proposta para o ensino do judô: adequando "tradição" e "modernidade.” *Efdeportes*, Septiembre 15, nº 148, 2010.

GAMA, Raimundo João. *Manual de Iniciação do Judô*. Rio de Janeiro, Grupo Palestra Sport, 1986.

GARCIA, Pietro. *Judo Pernambucano*.
<http://judopernambuco.blogspot.com/2007/06/tadao-nagai.html>

GONDIM, D. F. *DOJÔ: espaço de educação*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

_____. *Aspectos metodológicos aplicados ao ensino do Judô para crianças*. 2006. 26 f. Monografia (Graduação em Educação Física) – Universidade de Pernambuco, Recife, 2006.

KANO, J., 1860 - 1938. *Energia Mental e Física: escritos do fundador do judô / Jigoro Kano*. São Paulo: Pensamentos, 2008.

_____. *Judô Kodokan*. São Paulo: Cultrix, 2008.

KANT, Immanuel. *Fundamentos da Metafísica dos Costumes*. (2007).

LANÇANOVA, Jader Emílio da Silveira - Lutas na Educação Física Escolar: Alternativas pedagógicas. 2006. 70f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Universidade da Região da Campanha, Alegrete, 2006. Disponível em < https://sites.google.com/site/lutasescolar/lutas_na_educ_fis_escolar.pdf > Acesso em : 07/02/2018.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos da metodologia científica. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARTA, Felipe Eduardo Ferreira. A memória das lutas ou o lugar do “DO”: as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo. 2009. 203 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009.

MARTINS, C. J. et al. Artigo Original Bujutsu , Budô , esporte de luta. Motriz, Rio Claro, p. V. 16 N.3 PG. 638-648, 2010.

MELO, V. A.; FORTES,R. “História do Esporte: Panoramae Perspectivas.” *Fronteiras Revista de História* 12 (jul./dez 2010).

MIGUEL, C. I. H. M. A. Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário - A importância da abordagem de Lutas e Oposição na Escola. 2013.

MONTEIRO, Luciana Botelho. *O treinador de judô no Brasil*. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

MORAES, Fernanda Duarte de, Ricardo FUFFONI, e SOUZA Conceição de. “A utilização dos Princípios Filosóficos do Judô no Cotidiano dos Judocas do Rio de Janeiro.” *FIEP Bulletin On-line*, 2011.

NAGAI, S.; NAGAI, S. O judô e vida do atleta e professor Tadao Nagai. 1998. 82 f. Monografia (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1998.

NEVES, W. A. E no princípio... era o macaco! *Estudos Avançados*, v. 20, n. 58, p. 249–285, 2006.

NITOBÉ, Izano. *Bushido: a alma do samurai*. São Paulo:: Tahyu, 2005.

NUNES, Alexandre Velly. A influência da imigração japonesa no desenvolvimento do judô brasileiro: uma genealogia dos atletas brasileiros medalhistas em Jogos Olímpicos e campeonatos mundiais / Alexandre Velly Nunes. – São Paulo : [s.n.], 2011. 197p. Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. Orientadora: Profa. Dra. Kátia Rubio.

NUNES, A. V., e K., RUBIO. “As origens do judô brasileiro: a árvore genealógica dos medalhistas olímpicos.” (Rev. bras. Educ. Esporte, v26, n. 4, p. 667-78, out/dez) 2012.

OIMATSU, S. The way of Seiryoku Zenyo - Jita kyoei and its instruction. Bulletin for the Scientific Study of kodokan Judo, Tokyo, n.6, p.3-8, 1984.

OLIVEIRA, Marco Aurélio Lauriano de Oliveira. “Referências Técnicas e Teóricas do Judô: contribuições para um tratamento metodológico mais significativo.” Recife, Recife, 12 de 1999.

RAMOS, CHIARA. NAGAI: depoimentos de uma prática pedagógica com características de uma metodologia crítica.
<https://www.youtube.com/watch?v=fwiq4NcDPpM>- ACESSADO EM 15/06/2018.

ROQUE Enrique Severino. Livro: O espírito das artes marciais, EDITORA: Nelpa, 2010.

RUFINO, Luiz G. B.; DARIDO, Suraya C. Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. Rev. bras. Educ. Fis. Esporte, v. 26, n. 2, p.283-300, abr./jun. 2012. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v26n2/11.pdf> >. Acesso em 20 julho 2017.

_____. Lutas , artes marciais e modalidades esportivas de combate : uma questão de terminologia. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires - Ano 16, n. 158, jul-2011. Disponível em < <http://www.efdeportes.com/efd158/lutas-artes-marciais-uma-questao-de-terminologia.htm>>. Acesso em 25 agosto de 2016.

SANTOS, Saray Giovana dos (et al). “Estudo sobre a Aplicação dos Princípios Judoístico na Aprendizagem do Judô.” *Revista da Ed. Física. nº1. V. 1. p.11-14* (UEM), Paraná. 1990.

SANTOS, Saray Giovana dos. *Judô: filosofia aplicada*. Florianópolis: Ed, da UFSC, 2009.

SANTOS, Saray Giovana dos, Daiane. SILVA, e SANTOS, S.; Silva D. "Princípios filosóficos do judô aplicado à prática e ao cotidiano." *Revista digital - Efdeportes*, ano 10 - Nº 86 - julho de 2005.

SUGAI, Vera Lúcia: Colaboração de Sumio Tsulimoto. *O caminho do Guerreiro I*. São Paulo: Gente, 2000.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2012.

VENTURA, Maria Magda. "O estudo de caso como modalidade da pesquisa." *Pedagogia médica*, 2007: 383-386.

VIRGÍLIO, Stanlei. *Conde Koma: o invencível yodan*. Campinas: Átomo, 2002.

VIRGÍLIO, Stanlei. Personagens e histórias do judô brasileiro. Campinas, SP: Átomo, 2002.

WATSON, Brian N. Memórias de Jigoro Kano: o início da história do judô. São Paulo: Cutrix, 2011.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ANEXOS**ANEXO 1: CARTA DE ANUÊNCIA (Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)****CARTA DE ANUÊNCIA**

Declaramos, para os devidos fins, que aceitaremos o pesquisador **Marco Aurélio Lauriano de Oliveira**, da Universidade de Pernambuco para desenvolver sua pesquisa intitulada **O ENSINO JUDÔ NO BRASIL: FUNDAMENTOS HISTÓRICOS – FILOSÓFICOS PARA UMA METODOLOGIA CRÍTICA**, sob orientação do(a) Professor(a) PhD Marcelo Soares Tavares de Melo. Ciente dos objetivos e da metodologia da pesquisa acima citada, concedo a anuência para seu desenvolvimento, desde que me sejam assegurados os requisitos abaixo: O cumprimento das determinações éticas da Resolução nº466/2012 CNS/CONEP, A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa, Não haverá nenhuma despesa para esta instituição que seja decorrente da participação dessa pesquisa, No caso do não cumprimento dos itens acima, a liberdade de retirar minha anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

Recife, 05 de abril de 2017.


Vera Lúcia Samico Rocha
Diretora

APÊNDICES

APÊNDICE - A

ROTEIRO DAS QUESTÕES PARA A Nº 1 ENTREVISTA

1. Dados pessoais e ou históricos...
2. O que levou a você se aproximar do Judô?
3. A proximidade com a cultura japonesa, ou desejo de estar próximo as raízes dos seus familiares influíram na escolha?
4. O que lhe atraiu no judô?
5. Fale um pouco de sua história inicial no judô...
6. Quais as razões que possibilitou a sua ida para morar com o professor Ogawa? Como era decidido as pessoas que iam morar com ele? Como funcionava as tarefas e os treinos?
7. Como eram as aulas, os treinos de judô na época em que começastes a fazer judô?
8. Como era o Ju Jitsu da sua época?
9. Como se ensinava o Judô e o Ju Jitsu? (no mesmo ambiente)
10. Havia diferenças entre os professores de Judô e o Ju Jitsu?
11. Qual era o perfil dos praticantes que faziam Judô e o Ju Jitsu? (Crianças, adultos, esportistas, lutadores...)
12. Como se distinguia o que era Judô e o que era e o Ju Jitsu?
13. Fora as competências técnicas inerentes a própria prática do judô, quais outras competências eram ensinadas e apreendidas no ambiente do dojô do professor OGAWA?
14. Existia um padrão de sequência da aula (metodológica) da aula?
15. Como era o relacionamento professor X aluno?

16. O que tinha no ensino do professor Ogawa que você considerava que contribuía com a educação dos alunos?
17. Isso foi reproduzido, ou se perdeu?
18. Isso que você coloca, era observado no ensino de outros professores?
19. Existia algumas relações aproximações entre pais e professores, quanto ao acompanhamento de seus filhos no judô na época do OGAWA?
20. O conteúdo histórico e filosófico do judô era mencionado no dojô do professor Ogawa?
21. E hoje?
22. Existiu aproximações com você e os professores que ensinavam judô na época (São Paulo)? E como era essas aproximações com eles? Como você vê as contribuições desses professores para o judô do Brasil?
23. Quais as diferenças no ensino do judô quando começastes a treinar e na atualidade? Explique as diferenças.
24. Jigoro Kano era uma referência importante na época quando você iniciou o judô?
25. Acredita que o judô influenciou e influência na educação (formação) dos indivíduos?
26. Fala-se que o judô tem uma filosofia preconizada por Jigoro Kano e é essa filosofia que contribui para a educação dos alunos. O senhor visualiza ou visualizou essa filosofia presente no ambiente do judô nos vários momentos ao longo dos anos? Em quais momentos? E hoje?
27. A filosofia de Jigoro Kano é importante? Porque? Como poderíamos pensar essa filosofia para o ensino do judô?
28. Quais os principais problemas para o ensino do judô hoje?
Desdobramentos
29. O que definiu a sua vinda para Pernambuco?

30. Na sua opinião como era o judô de Pernambuco antes da sua chegada?
31. O que motivou os primeiros contatos com as pessoas do judô em Pernambuco?
32. O senhor contribuiu muito como o judô de Pernambuco. Poderias comentar um pouco da sua história no judô de Pernambuco. Por exemplo: Como era e o que mudou?
33. É certo que sua prática pedagógica, nas relações com seus alunos muitos tem relatos da sua importância na formação desses sujeitos, e como isso acontece. Quais os elementos agentes que atuam para contribuir nessa formação, uma vez que visualmente falando o ensino do judô é extremamente técnico.
34. Informações complementares.

APÊNDICE - B

ROTEIRO DAS QUESTÕES PARA A 2ª ENTREVISTA (REFLETINDO AS POSSÍVEIS CATEGORIAS DE ANÁLISES)

Fato 1 - Nunes (2014), relata que no início do século XX nesse período as únicas escolas de judô que ele teve registro, datam de 1925 quando o Carlos Gracie abriu sua academia de jiu jitsu.

Fato 2 - É só a partir da década de 1930, após a chegada de outros grupos de imigrantes japoneses, que surgiram poucas academias de judô e jiu jitsu no país. Destacamos, o ano de 1936, com a abertura da academia de Ryuzo Ogawa, (foi seu professor), quando o judô assume um protagonismo no que se refere a uma prática (luta) educacional.

Fato 3 - Sobre o prof. Ogawa, além de Virgílio (2002) o considerar um dos precursores mais importantes do judô no Brasil; Nunes (2011), o identifica como o genearca que influenciou uma grande quantidade de atletas, além de sua academia ter sido uma das mais destacadas do país, sendo responsável por várias gerações de atletas de excelente qualidade que viriam a transformarem-se nos verdadeiros agentes disseminadores do judô no Brasil, dentre os quais, o senhor faz parte desse grupo seletivo.

Penso que, a partir da reflexão desses 3 fatos anteriores, abre-se a possibilidade de ponderarmos acerca de uma terceira vertente sobre a consideração dos precursores do judô no Brasil. Vertente essa, que se encontra relacionada aos professores que chegaram ao país a partir da década 1930, como sendo, os verdadeiros disseminadores do judô, bem como, a academia Ogawa, que segundo os autores foi a principal responsável pela distinção entre o judô e o jiu jitsu, e a responsável pelo judô como uma atividade essencialmente educacional. Sendo assim, podemos considerar esse período como o verdadeiro marco zero do judô com a configuração que conhecemos hoje

Fato 4 - NAGAI - quase quarenta anos depois da chegada do judô em nosso país, ou seja, de 1908, até a sua entrada nessa modalidade, aproximadamente em 1946, o judô ainda se encontrava embrionário.

1. Concorda com os autores que o processo de desenvolvimento do judô no Brasil, se inicia no período citado acima?
2. Concorda que a tese que a partir de Ogawa, é o marco zero do judô com uma configuração educacional?
3. Cite alguns elementos de como o judô era antes.

Fato 5 - Por se encontrar muito próximo do judô como uma atividade educacional a partir do prof. Ogawa. Na minha opinião o senhor, tanto pode ser considerado, um colaborador da construção desse novo formado, quanto pode ser considerado um agente disseminador primário ou secundário de extrema importância;

Primeiro, entendemos que o tempo é um elemento que exigiu do senhor adaptações para sua prática pedagógica, uma vez que, apesar de se encontrar muito próximo do início do judô no Brasil com características educacionais, trata-se de outro tempo, e precisaremos adequar a nova prática para os novos tempos.

Segundo, acreditamos na possibilidade da sua melhor compreensão acerca das diferenças culturais existente entre o Brasil e o Japão. Talvez na academia Ogawa para os brasileiros praticar judô não fosse tarefa fácil. O senhor por ser brasileiro filho de japoneses legítimos, transitava pelas duas culturas com fluidez e tranquilidade, que lhe permitiu compreender com muita clareza quais os filtros necessários para que essa nova prática pedagógica fosse bem-sucedida no Brasil.

4. Considerando essas reflexões: quais os filtros necessários provenientes das diferenças culturais que possibilitou o judô ser bem aceito pelos brasileiros?
5. O que mudou de Ogawa a Nagai?
6. Quais os elementos provenientes do prof. Ogawa que o senhor poderia elencar que serviram como referência básica (Lastro) para a sua prática

pedagógica?

Fato 6 - O senhor Fundou em sociedade com o mestre Toranosuke Ono, em 1961, a Associação São Paulo Budokan no bairro da Liberdade em São Paulo, certamente foi professor de alguns atletas que desempenharam papéis importantes no judô brasileiro.

Fato 7 - Posteriormente em Pernambuco o senhor é considerado um divisor de águas na sistematização e organização do judô no Estado, onde brotaram diversos judocas que vieram a desempenharem papéis importantes no judô pernambucano e ou brasileiro.

7. Concorda com essas ponderações? Nomes de pessoas....

8. Concretamente o que mudou no judô de Pernambuco com a sua chegada?

9. Fale um pouco sobre esse fato. Como era o judô no estado antes da sua chegada?

Fato 8 – Chiara, uma ex-aluna sua realizou um vídeo por ela intitulado: Judô - Os valores do esporte e sua importância para educação moral. Nesse vídeo ela narra valores que ela afirma que mais aprendeu com o judô, além da honra, do respeito etc., a gratidão, quando ela afirma que têm uma enorme gratidão pelo senhor. Percebe-se pela sua fala que a vida dela foi bastante impactada com essa relação.

10. Como o senhor se sente quando ouve uma declaração como essa, onde a honra, respeito e a gratidão aparecem como valores principais aprendidos e que vão provocar mudanças significativas da vida de uma pessoa?

11. O senhor acredita realmente que esses são valores poderosos?

12. Como esses valores aparecem no cotidiano da sua prática?

Fato 7 – Pietro Garcia (possivelmente ex-aluno ou pai de ex-aluno do prof. Nagai) trouxe uma postagem sobre o senhor em um blog intitulado “Judô Pernambucano”. Essa postagem ocorreu no dia 09 de junho de 2007, e apresentou em um primeiro

momento uma fala sua, sobre o quanto o senhor considera importante às pessoas perseguirem seus objetivos. Assim, para o senhor:

Toda pessoa deve procurar realizar o que almeja. Falta de tempo não é desculpa, é falta de determinação em alcançar o que quer. As conquistas pessoais adquiridas com sacrifício, apesar de desgastarem o indivíduo na sua forma física e mental, quando são atingidas, serão mais valorizadas por quem as conquistou. Perseverança é sem dúvida, uma palavra digna da pessoa. Tadao Nagai. (NAGAI, 1998, Comunicação pessoal).

Posteriormente o texto de Pietro Garcia, cita algumas palavras elogiosas e promete trazer em outro momento uma entrevista com Nagai. Adiciona um pouco do seu currículo e finaliza afirmando que *“É pela falta de espaço, que não estamos falando dos inúmeros campeões que foram treinados pelo Mestre Nagai, que é acima de tudo um formador de campeões.”* (GARCIA, 2007).

Em seguida, Cristina Campos parabeniza a postagem no blog de Pietro pela iniciativa, afirmando que é uma honra para nós que participamos do judô em Pernambuco e no Brasil, porque, NAGAI é fundamental para o conhecimento e o aprendizado do que é realmente judô. Acrescenta ainda, que tudo que Katherine Stephanie Campos (filha de Cristina Campos) aprendeu para ser uma atleta foi com o senhor (perseverança, humildade, garra, respeito com seu oponente, técnica, honestidade, e acima de tudo vontade de vencer e nunca desistir quando aparecer obstáculos) ...

Na sua fala o senhor cita a perseverança e determinação como valores muito importantes para a vida. Qual a relação desses valores com o judô?

Quando uma mãe afirma que tudo quanto a filha aprendeu para ser atleta (perseverança, humildade, garra, respeito com seu oponente, técnica, honestidade) foi com o senhor. De certa forma, ela faz uma relação das qualidades necessárias para ser atleta, com as qualidades necessárias para a vida em sociedade, uma vez que, esses valores são considerados importantes e necessários por todos nós.

Sendo assim, quando ela afirma que é uma honra apreciar postagem sobre o senhor e quando o responsabiliza pelos valores aprendidos por sua filha através do judô, ela está afirmando que o judô praticado pelo senhor contribui fortemente na formação dos seus praticantes.

Assim como em Chiara, como se sente em ver uma mãe atribuindo ao senhor e ao judô a transmissão de tantos valores? Esses valores são passados da mesma forma que no caso Chiara?

Fato 8 - Em um trabalho de conclusão de curso de graduação composto pelos seus filhos Silvana Nagai e Sérgio Nagai, no ano de 1998, intitulado: “Judô e vida do atleta e professor Tadao Nagai”. Foi um trabalho que trouxe diversos elementos que nos chamou muita atenção, pelas qualidades das informações trazidas sobre sua história, como também, pelos depoimentos importantes de alunos, pais, amigos,

escolas etc... Sendo assim, traremos a seguir alguns pontos que nos chamou atenção.

Fato 9 – Seus filhos afirmaram – que o senhor ao chegar em Pernambuco, impôs com seus métodos uma nova ordem para o judô. Os procedimentos em relação à disciplina, à pedagogia, às técnicas, mesmo em relação à parte física, foram quase que radicalmente alterados, foram introduzidos, de alguma forma, muito da filosofia e do espírito do judô.

É certo que o senhor já falou sobre esse assunto, entretanto, os seus filhos acrescentam fatos novos sobre procedimentos em relação à disciplina, à pedagogia e técnicas, que foram alterados além da introdução de muito sobre a filosofia e do espírito do judô.

13. O senhor poderia falar como se sente em ouvir que seus filhos percebem e demonstram muito orgulho da sua importância para judô e para o judô de Pernambuco?

14. Fale sobre as alterações referentes a disciplina, pedagogia e técnicas e sobre a introdução da filosofia e do espírito do judô;

15. Sobre esses assuntos, como era antes da sua chegada?

Fato 10 - Sobre a influência do judô na formação educacional nas escolas, relatam que na sua opinião, o Judô é um esporte que visa o aprimoramento integral do aluno e por essa razão o senhor afirma que, “para Jigoro Kano o mais importante em uma competição não é a vitória (vencer sempre), mas o aprendizado que o atleta absorveu durante o seu aprimoramento no judô, o entendimento, a disciplinar, respeito mútuo com os companheiros”.

Acrescentam ainda que, o senhor afirma que o judô nas escolas, tem sido fundamental subsidio da educação;

Sobre esse assunto, destacam na sua prática o fato da exigência constante de informações sobre: o comportamento de seus alunos, acompanhamentos das notas e informações adquiridas através dos pais de alunos.

Trazem seu comentário que: “O campeão no judô tem que ter total consciência que este esporte, não tem a filosofia de criar valentões, donos da verdade, mais sim

homens humildes capazes de enfrentarem de maneira mais fácil os obstáculos que enfrentarão no decorrer da vida.

16. Como é isso? Filosofia, entendimento, disciplinar, respeito mútuo, acompanhamentos das notas e informações dos pais, judocas humildes capazes de enfrentarem de maneira mais fácil os obstáculos no decorrer da vida. Ganhar competição não importa?

Posteriormente seus filhos trazem depoimentos importantes de alunos, pais, amigos, escolas etc.

1º depoimento - (Clodoaldo Martins Junior) O professor Tadao Nagai é um homem simples, tranquilo, discreto nas atitudes, mas enérgico e respeitado na sua postura ética,... transmite espontaneamente todos os nobres princípios do Judô.

2º depoimento (Ana Elisabete Carrazzone) Tenho consciência do importante papel que desempenha o professor Nagai na formação educacional dos meus filhos, ...

3º depoimento O grande valor que destaco no seu caráter é a capacidade de ser HUMILDE, qualidade somente vista, em pessoas que tem habilidade de encarar a vida de uma forma sadia, equilibrada e objetiva.

4º depoimento (Divanir Rodrigues de Lima). Por suas lições de humildade, honestidade, perseverança e disciplina. Coisas que ele sabe como ninguém transmitir a seus atletas, que mais parecem seus filhos, tamanho o respeito, a admiração e o amor que os mesmos têm por ele.

5º depoimento (Alexandre Campelo Leal). Homem sábio, na arte do ensino do Judô, contribuindo assim para a formação de centenas de homens e mulheres, no aspecto moral. Particularmente, eu, como aluno desde os 4 (quatro) anos de idade, tenho o maior respeito e admiração, pelo Sensei Tadao Nagai, como exemplo de: moral, caráter, dignidade e pelo prazer do mesmo em transmitir toda a sua sabedoria ao seu semelhante.

6º depoimento (Marco Aurélio) Prefiro falar do NAGAI que com tamanha simplicidade conseguia desenvolver um Judô como de fato o Judô deve ser, com companheirismo, solidariedade e amizade. De um professor que foi sempre amigo e algumas vezes não para poucos, até mesmo pai.

7º depoimento (escola) elementos mais valorizados, “encontra-se a índole de um ser inquestionavelmente integro merecedor de todo nosso respeito e consideração”.

8º depoimento (escola) total dedicação, carinho, respeito e senso profissionalismo invejável marca da sua personalidade. Ao longo desses anos demonstrou sempre competência profissional, zelo e dedicação aos seus alunos. Foi sempre incentivado e educador zeloso doado à missão que através do esporte, particularmente o Judô tem passado para os alunos belas lições para enfrentar as “lutas” da vida.

Destacamos que trouxemos apenas alguns depoimentos selecionados por nenhum critério, e sim, a quantidade suficiente para a elaboração da pergunta a seguir. Esclarecemos que muitos depoimentos ficaram de fora.

As qualidades relatadas dentre tantas, destacamos: simplicidade, tranquilo, discreto, caráter, humilde, honestidade, perseverança, disciplina, respeito, moral, dignidade, prazer de ensinar, companheirismo, solidariedade, amizade, dedicação, carinho, respeito e profissionalismo etc..

17. Como se sente em saber que tantas pessoas citam valores que a meu ver, encheriam de orgulho qualquer ser humano que possuísse uma ou duas dessas qualidades?

18. O que tudo isso tem a ver com o judô?

Reportar a cerimônia realizada no dia 5 de fevereiro (terça-feira), de 2019, pelo o Cônsul-Geral Maruhashi que realizou em sua residência oficial a Cerimônia de entrega da: COMENDA ORDEM DO SOL NASCENTE, RAIOS DE OURO E PRATA, DO TRIGÉSIMO ANO DA ERA HEISEI. Para os senhores Dra. Ogvalda Devay de Sousa Tôrres e Tadao Nagai. Segundo o Consul (2019), o prof. Nagai recebeu essa comenda pela imensa divulgação da cultura japonesa enquanto esteve à frente da Associação Cultural Japonesa do Recife, como presidente, e principalmente com o Judô estreitou as relações entre o Japão e o Brasil.

19. Fale um pouco sobre isso.

APÊNDICE – C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos V.Sa. a participar da pesquisa “O ensino do judô: fundamentos históricos – filosóficos e pedagógicos para uma metodologia crítica”, sob responsabilidade do pesquisador Marco Aurélio Lauriano de Oliveira e sob orientação do Dr. Marcelo Soares Tavares de Melo, que tem por objetivo Analisar os fundamentos histórico-filosóficos e pedagógicos para uma metodologia crítica. Para a realização deste trabalho usaremos como método uma abordagem qualitativa materializada em um estudo de caso, como instrumento da pesquisa será utilizada uma entrevista semiestruturada. Esclarecemos que manteremos em anonimato, sob sigilo absoluto, durante e após o término do estudo, todos os dados que identifiquem o sujeito da pesquisa usando apenas, para divulgação, os dados inerentes ao desenvolvimento do estudo. Informamos também que após o término da pesquisa, serão destruídos todo e qualquer tipo de mídia que possa vir a identifica-lo tais como filmagens, fotos, gravações, etc., não restando nada que venha a comprometer o anonimato de sua participação agora ou futuramente.

Quanto aos riscos e desconfortos associados à utilização da metodologia desta pesquisa, estes estão relacionados apenas à dedicação de tempo para responder ao questionário e realizar entrevistas, e para minimizá-los, o pesquisador irá se deslocar até o Sr para coleta das informações. Assim, todos os cuidados éticos serão tomados para garantir seus direitos como sujeito pesquisado, mantendo sua integridade física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual.

Caso você venha a sentir algo dentro desses padrões, comunique ao pesquisador para que sejam tomadas as devidas medidas protetivas, suspendendo imediatamente a etapa em que se encontra a pesquisa, para que sejam solucionados os problemas.

Os **benefícios**. Ao participar desta pesquisa o sr. não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre o ensino do judô fundamentando em uma metodologia crítica.

O senhor terá os seguintes **direitos**: a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si; a garantia de privacidade à sua identidade e do sigilo de suas informações.

Nos casos de **dúvidas e esclarecimentos** procurar os pesquisadores através do endereço de e-mail, endereço da instituição ou pelos Telefones (**inclusive ligações a cobrar**):

Pesquisadores Responsáveis: Marcelo Tavares de Melo ((81) 9962-0813; marcelo.melo@upe.br e Marco Aurélio Lauriano de Oliveira ((81) 99650-0223); maurelio.judo@gmail.com

Endereço da Instituição: ESEF- Escola Superior de Educação Física, Rua Arnóbio Marques, Nº 310, Santo Amaro. Recife – PE. CEP: 50.100-130.

Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética do Complexo Hospitalar HUOC-PROCAPE Pavilhão Ovídio Montenegro – 1º andar- Rua Arnóbio Marques, 310, Santo Amaro, CEP- 50.100-130, Recife-PE, Fone- (81) 3184-1271, e-mail- cep_huoc.procape@upe.br.

Consentimento Livre e Esclarecido:

Eu, FRANCISCA NEVES, após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida, exceto dados pessoais, em publicações e eventos de caráter científico. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

Local: _____
 Data: 15/12/2018
 Assinatura do participante: _____
 Assinatura do Pesquisador: _____
 Assinatura do Orientador: _____

APÊNDICE - D

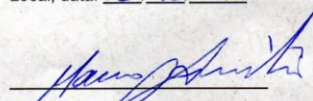
TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

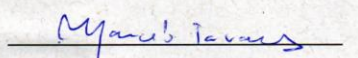
TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Em referência a pesquisa "O ensino do judô: fundamentos históricos – filosóficos e pedagógicos para uma metodologia crítica", eu Marco Aurélio Lauriano de Oliveira e o professor orientador dessa pesquisa Dr. Marcelo Soares Tavares de Melo, comprometemo-nos a manter em anonimato, sob sigilo absoluto, durante e após o término do estudo, todos os dados que identifiquem o sujeito da pesquisa, usando apenas para divulgação os dados inerentes ao desenvolvimento do estudo. Comprometemo-nos também com a destruição, após o término da pesquisa, de todo e qualquer tipo de mídia que possa vir a identificá-lo, tais como filmagens, fotos, gravações, questionários, formulários e outros.

Local, data: 15/12/2018



Marco Aurélio Oliveira - pesquisador



Dr. Marcelo Tavares - pesquisador orientador

ANEXO – 2**TERMO DE CONCESSÃO**

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

**Associação Nagai****Irmãos Nagai Ltda - ME**

CNPJ: 04.903934/0001-94 INSC. ESTADUAL: 18.3.001.0326320-7
RUA CAPITÃO ZUZINHA, 605 – BOA VIAGEM – RECIFE – PE
CEP: 51.030-420 - FONE/FAX (18) 3341-1285 / 3341-1745

**TERMO DE CONCESSÃO**

Concedo o uso da Associação Nagai ao pesquisador Marco Aurélio Lauriano de Oliveira, da Universidade de Pernambuco para desenvolver sua pesquisa intitulada "O ensino do judô: fundamentos históricos – filosóficos e pedagógicos para uma metodologia crítica", sob a orientação do professor Dr. Marcelo Soares Tavares de Melo. Toda equipe deverá cumprir com as determinações éticas da Resolução nº 466/2012 CNS/CONEP, garantindo esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa e que não haverá nenhuma despesa para a Escola Superior de Educação Física da Universidade de Pernambuco que seja decorrente da participação dessa pesquisa.

No caso do não cumprimento das garantias acima, terei a liberdade de revogar meu consentimento a qualquer momento da pesquisa sem penalização alguma.

Recife, 19/12/2018

Tadao Nagai

Residente da Associação Nagai

ANEXO – 3

AUTORIZAÇÃO

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Eu, Tadao Nagai, CPF 128.552.868-91, caso do estudo da tese de doutorado “O ENSINO DO JUDÔ: fundamentos históricos – filosóficos- pedagógicos para uma metodologia crítica” do autor Marco Aurélio Lauriano de Oliveira” venho através de esta autorizar o uso explícito do meu nome na referida tese. Autorização essa com intuito de poder contribuir teórico-metodologicamente para este estudo de doutorado, o qual procurou resgatar a minha história de vida acadêmica que tenho muito orgulho.

Sem mais para o momento

Tadao Nagai

Recife. 10 de dezembro de 2019.